



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LETRAS



GABRIELLA DA ROCHA MOREIRA

INTERPRETAÇÃO DE METÁFORAS DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA A LÍNGUA
BRASILEIRA DE SINAIS: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Mariana
2026

GABRIELLA DA ROCHA MOREIRA

INTERPRETAÇÃO DE METÁFORAS DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA A
LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Letras do Instituto de
Ciências Humanas e Sociais da Universidade
Federal de Ouro Preto para a obtenção do
título de Licenciada em Letras-Português.

Orientadora: Dra. Andreia Chagas Rocha
Toffolo.

Mariana

2026

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

M838i Moreira, Gabriella Da Rocha.
Interpretação de metáforas da língua portuguesa para a língua
brasileira de sinais [manuscrito]: uma revisão de literatura. / Gabriella Da
Rocha Moreira. - 2026.
55 f.: il.: color., tab..

Orientadora: Profa. Dra. Andreia Chagas Rocha Toffolo.
Monografia (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em Letras Português

1. Língua brasileira de sinais. 2. Metáfora. 3. Tradução e
interpretação. 4. Língua portuguesa. I. Toffolo, Andreia Chagas Rocha. II.
Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 81`221.24

Bibliotecário(a) Responsável: Eliane Apolinário Vieira Avelar - CRB6/3044



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LETRAS



FOLHA DE APROVAÇÃO

Gabriella da Rocha Moreira

Interpretação de metáforas da Língua Portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais: uma revisão de literatura

Monografia apresentada ao Curso de Letras-Português da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Letras-Português.

Aprovada em 20 de julho de 2026

Membros da banca

Doutora Andreia Chagas Rocha Toffolo - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto
Mestre Gabriel Franca do Couto - Banca Examinadora - Universidade Federal de Ouro Preto
Doutora Jhuliane Evelyn da Silva - Banca Examinadora - Universidade Federal de Ouro Preto

Andreia Chagas Rocha Toffolo, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 01/08/2026.



Documento assinado eletronicamente por **Andreia Chagas Rocha Toffolo**, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR, em 01/08/2026, às 17:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1150851** e o código CRC **B5BE1104**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, que sempre foi minha direção. Com Ele, aprendi que a fé também é persistência.

Aos meus pais, minha origem. Esta conquista também é de vocês. À Ana e ao Ítalo, meus irmãos, minhas primeiras referências de mundo, vocês fazem parte de quem eu sou.

Ao Matheus, marido e companheiro de vida, por celebrar cada pequena vitória e nunca me deixar esquecer do motivo pelo qual comecei.

Às minhas amigas de curso, Samila, Taynara e Jéssica, por tornarem essa trajetória muito mais leve. Ao Josué, que nunca soltou minha mão, nossa amizade foi um dos maiores presentes que a universidade me deu.

A todos os professores do DELET, pelos conhecimentos compartilhados e pela contribuição para a minha formação profissional e humana.

À professora e orientadora Andréia, por acreditar em mim e por me incentivar quando eu duvidei das minhas capacidades.

Ao professor Gabriel Couto e à professora Jhuliane Silva, agradeço por dedicarem seu tempo à leitura e às contribuições para este trabalho. É uma honra contar com a participação de vocês neste momento tão importante.

À Comunidade Surda e ao Povo Surdo, principalmente Allan, Cássia, Gabriel, Matheus e Samuel, devo a vocês o olhar que hoje tenho sobre a cultura surda. Sem vocês, essa trajetória não existiria.

Por fim, agradeço à Universidade Federal de Ouro Preto. Sou extremamente privilegiada por ter construído minha trajetória em uma universidade pública, gratuita e de qualidade. Foi na UFOP que encontrei oportunidades, construí amizades, participei de projetos incríveis que marcaram minha formação e me permitiram compreender, na prática, o verdadeiro sentido de educar. Foi também nessa caminhada que descobri o quanto a educação é capaz de transformar vidas, inclusive a minha.

Não é a surdez que define o destino das pessoas, mas o resultado do olhar da sociedade sobre a surdez. (Lev Vygotsky)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar, por meio de uma revisão de literatura, como a produção acadêmica publicada entre 2015 e 2025 tem discutido a tradução e a interpretação de metáforas da Língua Portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais (Libras). A investigação fundamenta-se na Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff; Johnson, 2002), que compreende a metáfora como um mecanismo central da cognição humana, e nos estudos sobre tradução intermodal, que envolvem a mediação entre línguas de modalidades distintas: oral-auditiva e visual-espacial. A metodologia consistiu em um levantamento bibliográfico em bases de dados como Portal de Periódicos da CAPES, SciELO e Google Acadêmico, utilizando descritores específicos, o que resultou na seleção de 13 trabalhos para análise aprofundada. Os resultados indicam que os recursos linguísticos mais mobilizados na mediação de metáforas são os classificadores, o uso do espaço, as expressões não-manuais e a iconicidade. As estratégias tradutórias descritas incluem a tradução literal, a substituição por metáforas equivalentes, o uso de recursos visuais, a explicação/paráfrase, a personificação e a adequação ao público-alvo. Os principais desafios apontados são a ausência de equivalência metafórica entre as línguas, as diferenças culturais entre as comunidades surda e ouvinte, a inadequação do ensino de Português como segunda língua para surdos e a falta de formação específica de tradutores e intérpretes. A pesquisa demonstra a necessidade de ampliação dos estudos empíricos sobre o tema e de abordagens pedagógicas que considerem a natureza visual-espacial da Libras e os mapeamentos conceptuais que fundamentam as metáforas. Conclui-se que a mediação de metáforas entre o Português e a Libras exige do tradutor e do intérprete não apenas competência linguística, mas também sensibilidade cultural e capacidade de reconstruir, no espaço tridimensional da sinalização, correspondências visuais que permitam ao surdo acessar os mesmos sentidos que o ouvinte acessa por meio das palavras.

Palavras-chave: Libras; Metáfora; Tradução; Interpretação; Língua portuguesa.

ABSTRACT

This research aims to analyze, through a literature review, how academic production published between 2015 and 2025 has discussed the translation and interpretation of metaphors from Portuguese into Brazilian Sign Language (Libras). The investigation is grounded in Conceptual Metaphor Theory (LAKOFF; JOHNSON, 2002), which understands metaphor as a central mechanism of human cognition, and in studies on intermodal translation, which involve mediation between languages of different modalities: oral-auditory and visual-spatial. The methodology consisted of a bibliographical survey in databases such as CAPES Periodicals Portal, SciELO, and Google Scholar, using specific descriptors, which resulted in the selection of 13 works for in-depth analysis. The results indicate that the most frequently mobilized linguistic resources in metaphor mediation are classifiers, the use of space, non-manual expressions, and iconicity. The translation strategies described include literal translation, substitution by equivalent metaphors, the use of visual resources, explanation/paraphrase, personification, and adaptation to the target audience. The main challenges identified are the absence of metaphorical equivalence between the languages, cultural differences between the deaf and hearing communities, inadequacy in the teaching of Portuguese as a second language for deaf individuals, and the lack of specific training for translators and interpreters. The research demonstrates the need for expansion of empirical studies on the subject and for pedagogical approaches that consider the visual-spatial nature of Libras and the conceptual mappings that underlie metaphors. It is concluded that metaphor mediation between Portuguese and Libras requires from the translator and interpreter not only linguistic competence, but also cultural sensitivity and the ability to reconstruct, in the three-dimensional space of signing, visual correspondences that allow deaf individuals to access the same meanings that hearing individuals access through words.

Keywords: Metaphor. Libras. Translation. Interpretation. Portuguese Language.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS.....	10
2.1 Histórico e reconhecimento legal.....	10
2.2 A Libras como língua natural e a modalidade visual-espacial.....	11
2.3 Parâmetros fonológicos da Libras.....	14
2.4 Classificadores e o uso do espaço na construção de sentidos.....	15
2.5 Aquisição da Libras e implicações para o desenvolvimento linguístico.....	16
3. METÁFORA E SUA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS.....	18
3.1 Da figura de linguagem ao mecanismo cognitivo.....	18
3.2 A Teoria da Metáfora Conceptual.....	20
3.3 Domínios-fonte e domínio-alvo.....	21
3.4. Metáforas estruturais, orientais e ontológicas.....	23
3.5 Processamento de metáforas, fluência conceitual em L2 e cultura.....	24
3.6 Metáforas em Libras e pesquisas brasileiras.....	27
4. TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO ENTRE O PORTUGUÊS E A LIBRAS.....	31
4.1 Distinções fundamentais: tradução, interpretação e o papel do TILSP.....	31
4.2 Estratégias tradutórias e desafios na mediação de metáforas.....	33
5. PROCESSOS METODOLÓGICOS.....	36
6. RESULTADOS.....	37
6.1 Referenciais teóricos predominantes.....	39
6.3 Estratégias tradutórias e interpretativas descritas pela literatura.....	42
6.4 Desafios apontados pela literatura.....	46
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	50

1. INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é reconhecida oficialmente como meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda brasileira desde a promulgação da Lei nº 10.436/2002, que a define como um sistema linguístico de natureza visual-motora, que conta com estrutura gramatical própria. Esse reconhecimento representou um marco para a consolidação da Libras como língua plena, fortalecendo o desenvolvimento de pesquisas voltadas à sua estrutura e ao seu funcionamento em diferentes âmbitos sociais (Quadros; Karnopp, 2004).

No campo dos estudos da tradução e da interpretação, a mediação entre o Português e a Libras tem se revelado um desafio particular, visto que envolve a reconstrução de sentidos entre línguas de modalidades distintas: uma oral-auditiva e outra visual-espacial. As metáforas são um dos principais fenômenos linguísticos que tornam essa questão mais complexa. Na perspectiva da Linguística Cognitiva, a metáfora é compreendida como um mecanismo central da cognição humana, responsável por estruturar o pensamento e a construção de sentidos (Lakoff; Johnson, 2002). Quando se trata de sua tradução e interpretação entre o Português e a Libras, essa complexidade se eleva, pois os domínios conceituais mobilizados nem sempre encontram correspondência direta em línguas de modalidades distintas, exigindo do tradutor e do intérprete decisões que vão além da equivalência lexical e envolvem escolhas linguísticas, discursivas e contextuais (Rodrigues, 2018).

Apesar da relevância das metáforas na produção de sentidos e da importância das práticas tradutórias e interpretativas entre o Português e a Libras, os estudos voltados especificamente para a mediação de metáforas entre essas línguas ainda são escassos. Embora a pesquisa sobre tradução e interpretação em línguas de sinais tenha se ampliado nas últimas décadas, o campo dos estudos da tradução envolvendo a Libras é relativamente recente e permanece em processo de consolidação, principalmente em delimitações temáticas mais específicas (Quadros, 2004). Essa realidade mostra que é preciso sistematizar e analisar criticamente a produção acadêmica existente, a fim de compreender como a literatura tem abordado os recursos linguísticos, as estratégias tradutórias e os desafios implicados nesse processo. Diante desse contexto, esta pesquisa teve como questão central: *Como a literatura acadêmica publicada nos últimos dez anos tem discutido a tradução e a interpretação de metáforas da Língua Portuguesa para a*

Libras, no que se refere aos elementos linguísticos utilizados, às estratégias tradutórias descritas e aos desafios identificados?

A justificativa para a realização deste estudo se baseia, primeiramente, na dispersão dos estudos sobre a mediação de metáforas entre o Português e a Libras, que dificulta a identificação de bases teóricas, recorrências metodológicas e estratégias tradutórias descritas na literatura. Além disso, a pesquisa se justifica pela contribuição acadêmica de reunir e articular os trabalhos existentes, fortalecendo o diálogo entre os estudos da tradução, da interpretação e da linguística das línguas de sinais. Do ponto de vista formativo, a investigação embasa reflexões sobre as práticas profissionais de tradutores e intérpretes, ampliando a compreensão dos desafios envolvidos na tradução desses sentidos entre línguas de modalidades distintas.

Para responder à pergunta de pesquisa, foi realizada uma revisão de literatura que buscou identificar convergências, divergências e lacunas na literatura, contribuindo para a compreensão do estado atual das pesquisas sobre o tema.

Dessa forma, esta pesquisa teve como objetivo geral analisar produções acadêmicas sobre a tradução e a interpretação de metáforas da Língua Portuguesa para a Libras, com o objetivo de compreender os referenciais teóricos adotados, os recursos linguísticos utilizados e as estratégias tradutórias descritas nos estudos analisados. Como objetivos específicos, buscou-se: (1) mapear as pesquisas acadêmicas publicadas entre 2015 e 2025 que abordam a tradução e a interpretação de metáforas entre o Português e a Libras; (2) identificar os principais elementos linguísticos e as estratégias tradutórias descritos pela literatura na mediação de metáforas entre essas línguas; (3) analisar os desafios recorrentes apontados pelos estudos no processo de tradução e interpretação de metáforas; e (4) sistematizar os resultados para contribuir com o fortalecimento dos estudos da tradução e da interpretação em Libras, como também para a formação crítica de tradutores e intérpretes.

O trabalho está organizado em capítulos que abrangem a fundamentação teórica sobre a Libras, a metáfora na perspectiva da Linguística Cognitiva, os estudos da tradução e interpretação intermodal, a metodologia adotada, os resultados obtidos, a discussão dos achados e as considerações finais.

2. A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

2.1 Histórico e reconhecimento legal

A Língua Brasileira de Sinais atua como o principal meio de comunicação da comunidade surda¹ no Brasil. Historicamente, a educação de surdos no país teve início com a chegada do educador francês Edouard Huet, em 1855, e com a fundação do Imperial Instituto de Surdos Mudos (atual Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES) em 1856. Essa instituição, influenciada pela escola francesa de forma significativa, explica a semelhança entre o alfabeto manual brasileiro e o utilizado na França, como também a origem da Libras na Língua de Sinais Francesa (LSF), conforme Quadros (2019).

Embora a Língua Brasileira de Sinais já fosse conhecida e utilizada por parte da população, a sua oficialização ocorreu de forma tardia. O reconhecimento oficial da Libras como língua ocorreu com a promulgação da Lei nº 10.436, em 24 de abril de 2002. O texto legal é assertivo ao definir a Libras como um sistema linguístico pleno:

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

Esse marco legal foi complementado e regulamentado pelo Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que estabeleceu diretrizes para a implementação da Libras em âmbitos educacionais e sociais, englobando a inclusão da Libras como disciplina obrigatória nos cursos de formação de professores e a inclusão da Libras nos currículos das escolas bilíngues para surdos e a capacitação de profissionais especializados, como professores, tradutores e intérpretes. Essa conquista é resultado da atuação histórica da comunidade surda brasileira, especialmente por meio da Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (Feneis), que liderou as lutas pelo reconhecimento e pela valorização da língua e da cultura surda no país. Dessa forma, a Libras não é apenas um instrumento de comunicação, mas sim um artefato cultural que carrega traços

¹ A comunidade surda engloba um grupo maior e mais diversificado, incluindo não apenas surdos, mas também ouvintes, filhos de surdos, intérpretes e pessoas simpatizantes, que estabelecem articulações sociais em torno da cultura surda (Strobel, 2006).

históricos e apresenta o modo particular como o surdo percebe e descreve a sua realidade.

2.2 A Libras como língua natural e a modalidade visual-espacial

Do ponto de vista linguístico, a Libras é reconhecida como uma língua natural², pois compartilha com as línguas orais as mesmas regras estruturais como fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática.

Stokoe (1960) contribuiu significativamente para os estudos linguísticos das línguas de sinais, ele propôs um estudo explicando a estrutura fonológica própria da língua, inicialmente denominada de "quiremas" para os itens lexicais (configuração de mão, movimento e localização) e posteriormente vinculada ao conceito de "fonemas" nos estudos linguísticos. Conforme destacam Quadros e Karnopp (2004), tanto as línguas de sinais quanto as línguas orais compartilham os mesmos princípios, pois "são produtos do cérebro humano e têm a mesma função".

Por serem línguas de modalidade visual-espacial, as línguas de sinais organizam seus mecanismos linguísticos a partir do uso do espaço, o que influencia a constituição de seus aspectos linguísticos. Para Brito (2010), essa característica contribui para a ocorrência da iconicidade, propriedade em que determinados sinais estabelecem uma relação de semelhança com o referente representado, como podemos observar no sinal da palavra, "CASA"³ (Figura 1) que é um sinal icônico direto, em que na realização do sinal, as mãos representam o formato do telhado e/ou da estrutura de uma casa, permitindo que o interlocutor reconheça visualmente características marcantes desse objeto. Assim, o significado é motivado por uma representação imagética do referente, o que caracteriza a iconicidade linguística.

² Segundo Saussure (1995), é um subproduto essencial da linguagem, adotada por grupos sociais para exercer a comunicação.

³ A grafia em letras maiúsculas será adotada para indicar os sinais da Libras, distinguindo-os das palavras da língua portuguesa.

Figura 1 - Sinal icônico direto: CASA



Fonte: Produzida pela autora

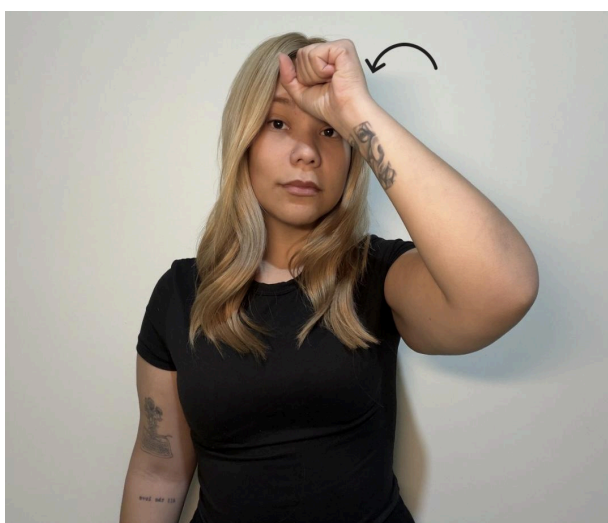
Figura 2 - Desenho de uma casa



Fonte: Magnific

Além disso, existem os sinais icônicos que são indiretos, ou seja, eles apresentam também uma relação, mas um pouco menos evidente, exigindo um conhecimento linguístico e cultural para sua compreensão, já que sua motivação icônica não é imediatamente perceptível. Um exemplo de sinal icônico indireto é o sinal de APRENDER (Figura 3), em que a ideia central é simbolizar a entrada de conhecimento na mente, no entanto, esse movimento não mostra o aprendizado em si, e sim a ideia de internalizar alguma informação.

Figura 3 - Sinal icônico indireto: APRENDER



Fonte: Produzida pela autora

Essa dupla possibilidade (iconicidade direta e indireta) é de extrema relevância para os estudos da tradução, visto que a mediação de conceitos

abstratos entre o português e a Libras sempre exige do intérprete a mobilização de estratégias que transitam entre a reprodução visual mais literal e a construção de correspondências menos óbvias, baseadas em regras linguísticas e culturais. Esse fenômeno é mais recorrente nas línguas de sinais do que nas orais justamente porque o espaço parece mais concreto e palpável, oferecendo ao sinalizador um recurso expressivo que permite visualizar traços do objeto ou da ação apresentados. Nesse contexto, a iconicidade é compreendida como a relação motivada entre a forma de um sinal linguístico e seu significado, podendo manifestar-se então de maneira direta ou indireta. (Xavier; Silva, 2023).

Ademais, a arbitrariedade também está presente nas línguas de sinais. Os sinais arbitrários são aqueles que não apresentam relação visual ou motivada entre sua forma e seu significado (Figura 4). Ou seja, não é possível identificar o sentido do sinal apenas observando seu gesto, já que ele é resultado de uma convenção linguística estabelecida pela comunidade surda. Diferentemente dos sinais icônicos, os sinais arbitrários dependem totalmente do aprendizado da língua.

Figura 4 - sinal arbitrário: DESCULPA



Fonte: Produzida pela autora

2.3 Parâmetros fonológicos da Libras

Conforme antecipado na seção anterior, um dos níveis de análise em que a especificidade visual-espacial da Libras se manifesta com maior clareza é o fonológico. A organização fonológica da Libras é descrita a partir de cinco parâmetros principais, que atuam de forma simultânea e combinada para diferenciar os sentidos. Como exposto anteriormente, o trabalho de Stokoe (1960) contribuiu de forma relevante para a área. O pesquisador identificou três elementos fundamentais: configuração de mão, movimento e locação/ponto de articulação. Adiante, Battison (1974) acrescentou um quarto parâmetro, a orientação, e com o avanço das pesquisas, as expressões faciais/ não manuais passaram a ser reconhecidas como o quinto parâmetro.

A configuração de mão (CM), considerada o parâmetro central, se refere às diferentes formas que as mãos assumem durante a execução do sinal, podendo envolver uma ou ambas as mãos (Ferreira-Brito, 1995; Quadros; Karnopp, 2004). O movimento (M) abrange a dinâmica espacial dos dedos, mãos, pulsos e braços no momento em que o sinal é realizado. A locação/ponto de articulação (L) é o local do corpo ou do espaço onde o sinal é produzido. Segundo Ferreira-Brito (1995), as principais regiões de locação são a cabeça, a mão, o tronco e o espaço neutro. Quadros e Karnopp (2004) definem o espaço neutro como uma “área que contém todos os pontos dentro do raio de alcance das mãos em que os sinais são articulados” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 57).

O parâmetro da orientação (OR), acrescentado por Battison (1974), diz respeito à direção para a qual a palma da mão se volta em relação ao corpo do sinalizante (para cima, para baixo, para dentro, para fora ou para os lados), conforme descreve Ferreira-Brito (1995). Por fim, as expressões faciais/ não manuais (ENM) constituem o quinto parâmetro e envolvem movimentos do rosto, dos olhos, da cabeça e do tronco. Santos (2019) destaca que as expressões faciais/não manuais são responsáveis por marcar, por exemplo, frases interrogativas, negativas, manifestação de emoções, entre outras.

Como se percebe, a fonologia das línguas de sinais é um campo complexo que envolve diversos aspectos, e seu estudo aprofundado é essencial para a compreensão das características distintas de uma língua que é visual-espacial. No

exemplo a seguir, temos o sinal de TRISTE/TRISTEZA, acompanhado da descrição de seus respectivos parâmetros fonológicos apresentados por Rocha-Toffolo (2022).

Figura 5 - Sinal de “triste/tristeza” em Libras com a indicação das unidades mínimas que formam o sinal.



Fonte: Rocha-Toffolo (2022, p. 31)

Dessa forma, a análise do sinal de TRISTE/TRISTEZA evidencia como os cinco parâmetros fonológicos atuam de maneira integrada e simultânea para a construção do significado em Libras. Conforme descrito por Rocha-Toffolo (2022), a Configuração de Mão (CM) em formato "Y", a Localização (L) no queixo, a Orientação (OR) voltada para o corpo, a ausência de Movimento (M) e a Expressão Não-Manual (ENM) de tristeza não são elementos isolados, mas sim uma unidade coesa que compõe o sinal. A alteração em qualquer um desses parâmetros seria suficiente para gerar um novo significado, confirmando a existência de pares mínimos e a estruturação fonológica sistemática da Libras.

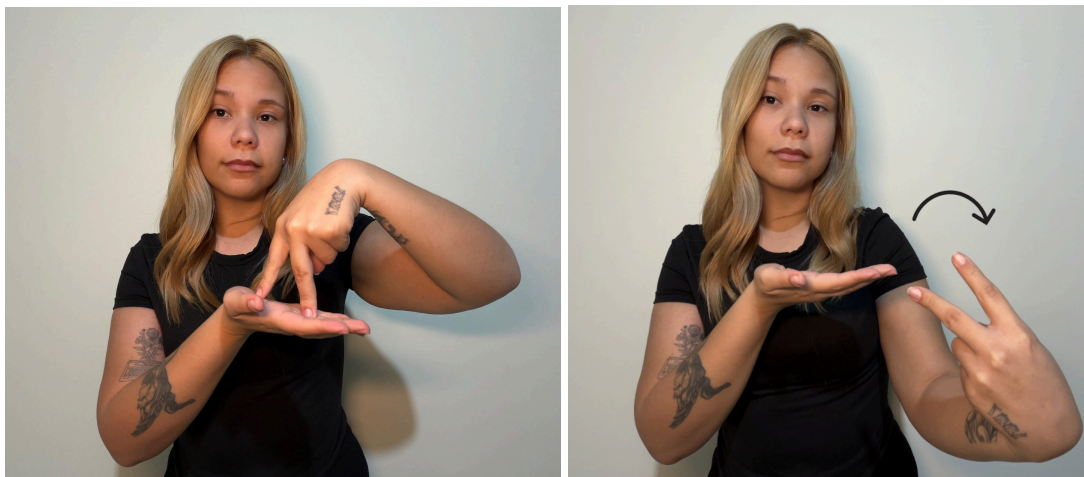
2.4 Classificadores e o uso do espaço na construção de sentidos

Nos campos da fonologia e morfologia da Libras, os classificadores (CLs) também se destacam como um recurso expressivo de grande importância. Conforme definem Quadros, Pizzo e Rezende (2009, p. 14), “trata-se de uma representação visual de objetos e ações que, embora apresente traços de transparência icônica, também se submete a convenções arbitrárias da língua”.

Os CLs são empregados para caracterizar pessoas, animais, objetos, cenários, ações e outros (Figuras 6 e 7). Embora não exista um inventário fechado e

padronizado para esses elementos na Libras, eles se organizam em categorias específicas que orientam sua produção e interpretação.⁴

Figura 6 e 7- Exemplo do sinal classificador PESSOA-CAINDO



Fonte: Produzida pela autora

Ferreira-Brito (2010) observa que a natureza concreta do espaço, aliada à simultaneidade proporcionada por esses recursos visuoespaciais, proporcionam à Libras uma dinâmica expressiva singular. Essa característica é particularmente relevante para a tradução de metáforas, uma vez que o intérprete precisará mapear, no espaço tridimensional, os domínios conceituais abstratos oriundos da língua fonte, reconstruindo-os por meio das possibilidades visuais que a modalidade oferece.

2.5 Aquisição da Libras e implicações para o desenvolvimento linguístico

A aquisição da primeira língua (L1) representa a base para o desenvolvimento das capacidades linguísticas e cognitivas do indivíduo. Porém, para a criança surda, esse processo enfrenta desafios próprios, uma vez que a Língua de sinais, não é, na maioria dos casos, a língua utilizada em seu ambiente familiar. Conforme Coelho & Costa (2021), aproximadamente 95% das crianças surdas nascem em famílias de pais ouvintes, enquanto apenas 5% têm pais surdos que utilizam a língua de sinais

⁴ As categorias mais recorrentes de classificadores na Libras incluem: descritivos (para formas e tamanhos), de objeto (como um objeto é manipulado), de corpo (em que o próprio corpo do sinalizante representa um ser) e de parte do corpo (para descrever ações envolvendo membros específicos). Para uma sistematização mais detalhada, ver Ferreira-Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004).

como principal meio de comunicação. Essa realidade demográfica envolve diretamente a aquisição da Libras: a criança surda, ao contrário da criança ouvinte que tem acesso pleno à língua oral desde o nascimento, só tem contato com a Libras tardiamente⁵.

Pensando nessa realidade, a aquisição tardia tem consequências profundas no desenvolvimento linguístico, pois, conforme enfatiza Guarinello (2007), é por meio da língua de sinais que o sujeito surdo estabelece uma base linguística fundamental, não apenas para a comunicação cotidiana, mas para a aprendizagem de qualquer outra língua. Se o acesso a língua for privado de alguma forma, pode afetar inclusive a capacidade do indivíduo de compreender e produzir enunciados mais complexos, como aqueles que envolvem metáforas, que dependem de domínios conceituais bem estabelecidos e que serão retomados ao longo desta pesquisa.

Além disso, a aprendizagem do português como segunda língua (L2) pelos surdos apresenta desafios que vão além da diferença entre modalidades (visual-espacial vs. oral-auditiva). Fernandes (1999) ressalta que esses desafios não estão relacionados simplesmente ao fato de o surdo não ouvir ou não falar, mas a fatores mais complexos, que incluem a falta de expansão do vocabulário na língua de sinais e o contato tardio com estruturas linguísticas mais elaboradas. Essa limitação de vocabulário na L1 reflete-se diretamente na capacidade de compreender textos em L2, principalmente aqueles que fazem uso de linguagem figurada, como as metáforas.

Rocha-Toffolo (2022) acrescenta que:

Além das dificuldades apontadas como sendo inerentes ao aprendizado da morfologia de uma língua como L2, para os surdos, há ainda algumas peculiaridades que devem ser destacadas, como: a influência da Libras na escrita do português; a diferença de modalidade entre a Libras e o português; a falta de uma base linguística consolidada em L1; o pouco ou nenhum conhecimento da língua oral; a forma como o surdo percebe e processa a escrita da LP, sendo predominantemente visual [...] (Rocha-Toffolo, 2022, p.52)

⁵ A literatura considera "aquisição tardia" aquela que ocorre após o período crítico de desenvolvimento linguístico, geralmente estimado entre os 3 e 5 anos de idade. Estudos demonstram que surdos expostos à língua de sinais após esse período apresentam maior dificuldade na aquisição plena da estrutura gramatical, especialmente em aspectos sintáticos e morfológicos (Newport, 1990; Quadros, 1997)

Em decorrência desses fatores, compreender o processo de aquisição da Libras como L1 e seus impactos para a aprendizagem do Português como L2 é fundamental para este estudo, visto que a tradução e a interpretação de metáforas entre essas línguas não ocorrem de forma isolada. Pelo contrário, o processo tradutor e interpretativo pressupõe que o surdo tenha uma base conceitual e linguística sólida, construída por meio da Libras, para que os sentidos metafóricos da língua de origem sejam entendidos e recriados na língua-alvo. A relação entre aquisição linguística, cognição e metáfora será retomada no capítulo seguinte, ao abordar a Teoria da Metáfora Conceptual proposta por Lakoff e Johnson (2002).

3. METÁFORA E SUA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

Este capítulo apresenta a metáfora a partir de sua reconfiguração teórica como fenômeno cognitivo, com base na Linguística Cognitiva e na Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) de Lakoff; Johnson (2002), e discute seus impactos para a tradução intermodal entre o Português e a Libras. Inicialmente, apresenta-se a virada paradigmática que fez a metáfora deixar de ser um recurso estilístico e passar a ser central nos estudos da cognição, apresenta também os conceitos fundamentais da TMC e os diferentes tipos de metáforas. Em seguida, analisa a relação entre metáfora, cultura e corporeidade, e também o processamento metafórico em segunda língua. Por fim, o capítulo discorre especificamente sobre as metáforas em Língua de sinais, revisando os estudos do Brasil e de outros países que investigam o tema e suas contribuições para a compreensão das metáforas em contextos intermodais.

3.1 Da figura de linguagem ao mecanismo cognitivo

Desde Aristóteles até meados do século XX, a metáfora era percebida como um recurso estilístico ou retórico, ocorrendo principalmente nos discursos literários e poéticos. Nessa visão tradicional, a metáfora era entendida como um desvio da linguagem literal, um emprego figurado das palavras e que se distanciava do uso comum da língua. Conforme observam Cereja e Magalhães (2009), a figura de linguagem consiste no emprego de palavras em sentido figurado, ampliando seu

significado, resolvendo a falta de termos adequados e criando novos sentidos. Quando a semelhança entre dois elementos é apresentada de maneira explícita, ocorre o que chamamos de comparação. Quando, porém, a relação é implícita e uma palavra é empregada em um sentido figurado, estabelecendo uma associação entre dois termos, ocorre a metáfora.

Essa perspectiva começou a ser questionada no final da década de 1970, quando George Lakoff e Mark Johnson, influenciados pelo avanço das ciências cognitivas, propuseram uma nova forma de compreender a metáfora. Publicada originalmente em 1980, a obra *Metaphors We Live By* (publicada no Brasil como *Metáforas da Vida Cotidiana*) estabeleceu uma nova perspectiva, que revolucionou os estudos linguísticos ao defender que a metáfora não é apenas um recurso linguístico, mas sim um mecanismo central da cognição humana, e que está presente no nosso cotidiano:

[...] a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceitual ordinário, em termos do qual não só pensamos mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza. (Lakoff; Johnson, 2002, p. 45)

Essa mudança de perspectiva se encaixa diretamente nos fundamentos da Linguística Cognitiva (LC). Surgida nas últimas décadas do século XX, a LC propõe uma visão experiencialista da linguagem, segundo a ideia de que os processos cognitivos são construídos a partir das experiências e das interações socioculturais das pessoas com o mundo. Para Lakoff; Johnson (2002), a mente é corporificada e as experiências do corpo assumem um papel fundamental no modo como pensamos e na formação da gramática. Dessa forma, a metáfora passa a ser compreendida não como um recurso excepcional ou desviante, mas como um processo cognitivo, que estrutura nosso sistema conceitual e orienta nossa forma de agir, pensar e falar.

Vygotsky (1974), já apontava que a metáfora é anterior à razão e serve de meio para avaliar a capacidade criativa natural do homem, sugerindo que o pensamento metafórico é uma capacidade humana fundamental, que ocorre antes e possibilita formas mais elaboradas de raciocínio. Sardinha (2007) sintetiza essa mudança ao dizer que a metáfora deixou de ser uma figura de linguagem para ser

um processo estruturador do pensamento. Sardinha ainda discorre sobre a metáfora estar presente em qualquer língua:

As metáforas são um recurso natural de qualquer língua. Muitas não são aprendidas formalmente, mesmo assim são adquiridas. Assim como aprendemos nossa língua materna antes de ir para a escola e de termos aulas de português, as metáforas são usadas desde a mais tenra infância pelos pais ao falarem com seus filhos e até mesmo pelas crianças” (Sardinha, 2007 p. 16).

Essa compreensão é crucial para esta pesquisa, já que, ao investigar a tradução e a interpretação de metáforas entre o Português e a Libras, parte do pressuposto de que as metáforas não são meras palavras com significados diferentes do convencional, mas sim ligações entre dois conceitos que fazem parte do sistema cognitivo humano. Além disso, como a Libras é uma língua de modalidade visual-espacial, a mediação de metáforas entre essas línguas exige do intérprete não apenas o domínio dos sistemas linguísticos envolvidos, mas também a capacidade de reconstruir os domínios conceituais abstratos mobilizados pela língua fonte, um desafio que será explorado nos tópicos seguintes, pensando na Teoria da Metáfora Conceptual e nos estudos sobre tradução intermodal.

3.2 A Teoria da Metáfora Conceptual

A mudança de paradigma iniciada por Lakoff e Johnson (2002) não se limitou a redefinir a metáfora como fenômeno cognitivo. Os autores propuseram, mais especificamente, a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), que se tornou uma das abordagens mais influentes no âmbito da Linguística Cognitiva. Segundo essa teoria, as metáforas não são apenas expressões linguísticas que podem ser substituídas por equivalentes literais, e sim propriedades do pensamento, como mencionamos anteriormente. Os autores afirmam que "a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra" (Lakoff; Johnson, 2002, p. 47)

Essa definição que parece ser simples, gera consequências relevantes: ao afirmar que compreendemos uma coisa em termos de outra, como os autores defendem, eles sustentam que os sistemas conceituais que orientam a experiência humana operam, em grande medida, de forma metafórica:

[...] nosso sistema conceptual não é algo do qual normalmente temos consciência. [...] Já que a comunicação é baseada no mesmo sistema conceptual que usamos para pensar e agir, a linguagem é uma fonte de evidência importante de como é esse sistema (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 45).

Dessa forma, a linguagem metafórica não é um fenômeno superficial, mas sim um acesso ao sistema conceptual dos falantes. Ao analisarmos as expressões metafóricas que produzimos no cotidiano, podemos identificar os padrões conceptuais que fundamentam o nosso modo de pensar. Para compreender como essas metáforas acontecem no nosso dia a dia, Lakoff e Johnson (2002) exemplificam com o conceito TEMPO É DINHEIRO⁶, como por exemplo: "você está desperdiçando meu tempo", "o seu tempo está se esgotando", preciso administrar melhor meu tempo" Na nossa cultura, o tempo é algo valioso. É um recurso limitado que usamos para alcançar nossos objetivos. Esses conceitos são metafóricos uma vez que estamos usando nossas experiências cotidianas com dinheiro, com recursos limitados e bens valiosos para conceptualizar o tempo.

A TMC considera dois níveis fundamentais: o nível conceptual (os mapeamentos entre domínios) e o nível linguístico (as expressões metafóricas concretas que realizam esses experimentos). Essa distinção é fundamental, pois permite compreender que uma mesma metáfora conceptual pode gerar múltiplas expressões linguísticas, como exemplificado no parágrafo anterior sobre o TEMPO sob a visão de Lakoff e Johnson (2002).

3.3 Domínios-fonte e domínio-alvo

Conforme mencionado no tópico anterior, a TMC funciona com base na distinção entre dois domínios conceituais: o domínio-fonte e o domínio-alvo (também chamado de domínio-meta). Essa distinção é central para a compreensão de como as metáforas estruturam o pensamento humano, já que é por meio da projeção de elementos do domínio-fonte sobre o domínio-alvo que se estabelecem as correspondências conceituais que chamamos de metáforas.

O domínio-fonte é o domínio conceptual do qual extraímos expressões metafóricas para compreendermos outro domínio também conceptual. Geralmente, é um domínio mais concreto, físico e familiar, relacionado à experiência física.

⁶ As metáforas conceituais e os esquemas cognitivos serão grafados em letras maiúsculas, seguindo a convenção adotada por Lakoff e Johnson (2002) para distinguir o nível conceptual do nível linguístico das expressões metafóricas.

Kövecses (2010) exemplifica domínios-fonte recorrentes em diferentes línguas e culturas: CORPO HUMANO (como em "o coração do problema"), ANIMAIS ("o gato mordeu sua língua"), PLANTAS ("o fruto do seu trabalho"), ALIMENTOS ("ele temperou a história") e FORÇAS FÍSICAS ("não me empurre!")

Já o domínio-alvo, é o domínio conceptual que é compreendido por meio da conceituação fornecida pelo domínio-fonte. No geral, é um domínio mais abstrato, subjetivo ou complexo, cuja compreensão plena depende justamente dos mapeamentos realizados a partir de experiências mais concretas. Kövecses (2006) lista domínios-alvo comuns, como EMOÇÃO ("Ela estava profundamente comovida"), MORALIDADE ("Ela resistiu à tentação"), PENSAMENTO ("Eu vejo o seu ponto"), RELACIONAMENTOS HUMANOS ("Eles construíram um casamento forte") e TEMPO ("o tempo voa").

A relação entre domínio-fonte e domínio-alvo não é igual nos dois sentidos nem pode ser invertida. Não podemos, por exemplo, compreender o domínio "viagem" em termos de "vida" com a mesma naturalidade com que se compreende "vida" em termos de "viagem". Lakoff e Johnson (2002) explicam que essa assimetria se deve ao fato de o domínio-fonte ser mais diretamente experienciado e, portanto, servir como um recurso cognitivo para estruturar domínios menos acessíveis. É por isso que a metáfora conceptual VIDA É UMA JORNADA é tão produtiva: compreendemos as experiências da vida (nascimento, crescimento, desafios, morte) a partir da estrutura de uma jornada (partida, percurso, obstáculos, chegada). Ao falarmos sobre a vida, é possível encontrarmos frases como: 'Ele nunca deixou que alguém entrasse em seu caminho' ou 'Estou em uma encruzilhada em minha vida'. Essas frases nos permitem chegar a uma experiência conceitual do tipo A é B: VIDA É JORNADA

Para que a projeção entre domínios ocorra de maneira consistente, são organizados mapeamentos entre elementos constitutivos do domínio-fonte e elementos correspondentes do domínio-alvo. Em VIDA É UMA JORNADA, por exemplo, os mapeamentos incluem: O VIAJANTE → A PESSOA VIVA; A ESTRADA → O CURSO DA VIDA; OS OBSTÁCULOS → AS DIFICULDADES; O DESTINO → O PROPÓSITO DE VIDA. Cada um desses mapeamentos é uma correspondência conceptual que se manifesta por meio de expressões como "ele seguiu seu caminho", "a vida tem seus altos e baixos", "ela chegou longe", entre outras.

Esses mapeamentos são motivados pela experiência corpórea e pelas interações socioculturais dos falantes. Como explica Kövecses (2010), os domínios-fonte e domínio-alvo são derivados de diferentes partes do nosso sistema conceptual e podem ser ligados devido a semelhanças estruturais ou pela nossa experiência vivenciada de maneira corporificada. Por exemplo, percebemos que um recipiente cheio tem mais quantidade de algo do que um recipiente vazio, e essa experiência física nos leva a compreender a abstração "quantidade" em termos da concretude "verticalidade" (MAIS É PARA CIMA). Da mesma forma, experienciamos que o futuro está à nossa frente e o passado atrás de nós, o que motiva metáforas como FUTURO É PARA FRENTE e PASSADO É PARA TRÁS, presentes tanto no Português ("olhe para o futuro", "deixe o passado para trás") quanto na Libras, como se verá adiante (Ferreira-Brito, 1995; Quadros; Karnopp, 2004).

A compreensão da relação entre domínios-fonte e domínio-alvo é fundamental para esta pesquisa, pois a tradução e a interpretação de metáforas entre o Português e a Libras dependem também da identificação e da reconstrução desses mapeamentos entre as duas línguas. Quando o domínio-fonte e o domínio-alvo são compartilhados por ambas as línguas, a mediação metafórica tende a ser mais direta; por outro lado, quando as culturas e as experiências corporais que motivam os mapeamentos são distintas, o tradutor e o intérprete precisam recorrer a estratégias específicas para reconstruir o sentido metafórico.

3.4. Metáforas estruturais, orientais e ontológicas

A TMC também distingue diferentes tipos de metáforas conceptuais, com base na natureza das relações estabelecidas entre os domínios. Lakoff e Johnson (2002) propõem três categorias principais: (i) as metáforas estruturais, em que um domínio-fonte se projeta sobre um domínio-alvo, (ii) as metáforas orientacionais, que organizam conceitos a partir de relações espaciais; (iii) e as metáforas ontológicas, que projetam características de entidades concretas sobre conceitos abstratos.

As metáforas estruturais são aquelas em que um conceito é metaforicamente estruturado em termos de outro. É uma comparação de estruturas, em que elementos do domínio-fonte são projetados sobre elementos do domínio-alvo de maneira sistemática, organizando todo um sistema conceptual. Murta (2015, p. 53)

explica que “as metáforas estruturais são denominadas metáforas básicas, pois o seu uso é convencional, inconsciente, automático e tipicamente despercebido.” Um exemplo que a autora traz é a expressão "o que os olhos não veem o coração não sente", em que associamos o ato de “ver” ao de “sentir”, construindo a compreensão das emoções a partir da experiência visual

As metáforas orientacionais são aquelas que organizam todo um sistema de conceitos em termos de orientações espaciais: para cima/para baixo, para dentro/para fora, para frente/para trás, entre outras. Lakoff e Johnson (2002) demonstram que essas metáforas são motivadas por correlações experienciais recorrentes: a felicidade, por exemplo, está frequentemente associada a uma postura ereta ("estou com a energia lá em cima"), enquanto a tristeza se associa a uma postura inclinada ou caída ("hoje ele está com o semblante caído"). Da mesma forma, o futuro é compreendido como "para frente" e o passado como "para trás", como em "esqueça o passado e olhe para frente".

As metáforas ontológicas, por sua vez, são aquelas em que conceitos abstratos, como atividades, emoções ou ideias, são conceituados como entidades, objetos, substâncias ou recipientes. Lakoff e Johnson (2002) explicam que:

A metáfora ontológica é a conceptualização de uma ideia abstrata, como uma atividade, emoção ou idéia, a partir de algo concreto, como um objeto, substância, recipiente ou pessoa. Esse tipo de metáfora pode ser exemplificado pelo mapeamento MENTE É MÁQUINA, em que atividades mentais (e abstratas), como pensar ou raciocinar, são compreendidas em termos de um objeto concreto como a máquina. Essa metáfora ontológica motiva expressões linguísticas como "Eu estou enferrujado hoje" ou "minha mente não está funcionando hoje" (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 27).

Um outro exemplo clássico de metáfora ontológica é A MENTE É UM RECIPIENTE, que projeta a propriedade de conter objetos sobre a mente, gerando expressões como "já estou de cabeça cheia, preciso de descanso" ou "abra sua mente para novas ideias" (Murta, 2015, p.54).

3.5 Processamento de metáforas, fluência conceptual em L2 e cultura

O processamento de metáforas em aprendizes de segunda língua (L2) tem sido objeto de investigação na psicolinguística. Searle (1979, *apud* Gibbs, 1994) propõe um modelo que explica o processamento de metáforas por falantes nativos

em três estágios: primeiro, o falante acessa o significado literal da palavra; depois, compara o significado da palavra com o contexto comunicativo no qual está inserido; por fim, decide em qual contexto inserir a palavra (literal ou metafórico).

No entanto, a visão direta do processamento da linguagem figurada, com base em estudos experimentais, têm evidenciado que esta não é um fenômeno especial ou diferente do processamento literal. Com base nessa visão, pesquisas experimentais têm mostrado que os falantes nativos e de segunda língua acessam ao mesmo tempo ou diretamente tanto o sentido literal quanto o sentido figurado de um dado item lexical, já que o tempo de reação (RT) do processamento da linguagem literal e da figurada é o mesmo (Glucksberg, 2001).

No modelo teórico proposto por Giora (2003), o processamento da linguagem figurada é caracterizado pelo seu grau de importância. O primeiro deles é a frequência (quanto mais ouvimos ou usamos uma expressão, mais rápido o cérebro a reconhece), um exemplo é a expressão "Chutar o balde", frequentemente usada no dia a dia que as pessoas entendem na hora, sem esforço. A familiaridade (quanto o indivíduo tem contato pessoal e experiência prévia com aquela expressão), um exemplo é alguma expressão regional que você ouve desde criança e é familiar para você, mas pode não ser para um estrangeiro. A convencionalidade (é o grau de "contrato social" em torno da expressão, quanto mais convencional, menos criativa e mais cristalizada ela é), um exemplo é a expressão "Coração partido" (tristeza amorosa) que é altamente convencional em português. Por último, a prototipicidade (aquela expressão que se encaixa no protótipo daquela categoria de linguagem figurada), uma metáfora muito icônica, concreta e visual é mais prototípica do que uma muito abstrata.

Esses elementos podem influenciar a compreensão de linguagem figurada e o esforço cognitivo realizado pelos aprendizes de L2. As pesquisas de Blasko e Cannine (1993) e Giora e Fein (1999) constataram que a familiaridade metafórica entre L1 e L2 influenciou no tempo de reação, indicando que metáforas familiares propiciam um processamento mais rápido do que metáforas não familiares.

Nesse contexto, a fluência conceitual, a capacidade de compreender e produzir metáforas em uma língua, é fundamental para aprendizes de L2. Danesi (1995, p. 5) afirma que "ser conceitualmente fluente em uma língua é saber, em grande parte, como essa linguagem 'reflete' ou codifica conceitos com base no raciocínio metafórico". Ainda segundo o autor, ter fluência em uma L2 não significa

apenas dominar os aspectos formais ou empregar tais aspectos a contextos comunicativos diferentes, mas também ter fluência para utilizar a língua conceitualmente.

Littlemore e Low (2006) acrescentam que a habilidade de compreender e processar metáforas rapidamente em L2 pode auxiliar os aprendizes a acompanhar o discurso dos falantes nativos, mantendo a compreensão do fluxo comunicativo. Os autores explicam que:

A abordagem da metáfora linguística é de fundamental importância para o desenvolvimento de aprendizes de segunda língua, visto que os textos que circulam socialmente, tais como anúncios publicitários, manchetes, piadas e histórias, exigem dos aprendizes uma série de construções linguísticas, compreensões metafóricas e representações culturais (Littlemore; Low, 2006).

A discussão sobre processamento e fluência é de extrema relevância para o contexto dos surdos bilíngues, visto que a compreensão de metáforas em L2 pode ser influenciada pela familiaridade metafórica entre as línguas, pelo contexto e pelo desenvolvimento da Libras como L1. A influência da familiaridade metafórica entre L1 e L2, como demonstrado por Blasko e Connine (1993) e Giora e Fein (1999), sugere que surdos que têm contato precoce com a Libras e com metáforas em Libras podem processar metáforas em Português com mais facilidade do que aqueles que tiveram contato tardio ou precário com a língua de sinais. Esses aspectos serão retomados nos tópicos finais deste capítulo, especialmente na discussão sobre pesquisas em Libras.

Embora a experiência corporal forneça a base universal para a emergência de metáforas, é a cultura que define quais experiências serão relevantes e como serão interpretadas por uma determinada comunidade linguística. Com as metáforas, podemos, pois, aumentar nossa capacidade de criar e transmitir emoções. Podemos, também, pensar novos sentidos para as coisas que existem no mundo ao nosso redor.

Essa capacidade, no entanto, é moldada pelas práticas culturais e pelos valores compartilhados por cada grupo social. Wilcox (2000) ressalta que a metáfora está ligada aos valores da comunidade que a utiliza, tornando impossível separar língua e cultura. As diferenças entre línguas de sinais de diferentes países ilustram bem essa relação entre cultura e metáfora. Albres (2012) destaca o trabalho de

Wilcox (2000) com metáforas em ASL⁷, em que o autor relata ser possível em língua de sinais o uso das mesmas metáforas usadas em línguas orais. No entanto, a autora ressalta que nem todo conteúdo de uma metáfora de uma língua é encontrado em outra:

A Língua de Sinais Britânica (BSL), por exemplo, usa uma metáfora existente em muitas línguas orais e em algumas línguas de sinais, 'entender é agarrar'. No entanto, na ASL, o 'entendimento' não significa metaforicamente 'agarrar'. Em ASL, o verbo significa apenas o ato físico de receber e não o significado metafórico de compreensão (WILCOX, 2000, p. 131).

Esse fenômeno é particularmente relevante para o contexto da comunidade surda. As metáforas na Libras não são um empréstimo da Língua Portuguesa, mas sim um recurso linguístico estruturado a partir da experiência visual-espacial dos surdos e de sua cultura, as metáforas são organizadas internamente e surgem de atividades próprias.

Nesse sentido, a experiência visual-espacial da comunidade surda configura uma forma particular de perceber e descrever o mundo. Strobel (2006) destaca que o povo surdo compartilha experiências de vida comuns e uma visão de mundo que se constrói por meio da língua de sinais, que é visual e espacial. Essa visão de mundo influencia diretamente a produção e a compreensão de metáforas em Libras, uma vez que os domínios-fonte disponíveis para os sinalizadores estão ancorados em sua experiência sensório-motora, que é eminentemente visual.

As diferenças culturais e corporais entre as comunidades surda e ouvinte podem gerar mapeamentos metafóricos distintos ou mesmo conflitantes, o que exige do tradutor e do intérprete não apenas o domínio dos sistemas linguísticos envolvidos e competência, mas também a sensibilidade cultural para reconhecer e reconstruir os domínios conceptuais mobilizados por cada língua.

3.6 Metáforas em Libras e pesquisas brasileiras

No Brasil, as pesquisas sobre metáforas em Libras ainda são restritas, como dito na introdução deste trabalho. Isso evidencia a necessidade de ampliação das investigações sobre o tema, especialmente considerando a relevância das metáforas

⁷ Língua Americana de sinais - American Sign Language

para a comunicação cotidiana e para os processos de tradução e interpretação entre o Português e a Libras.

Faria (2003) realizou uma pesquisa pioneira no Brasil ao investigar como os surdos constroem sentido metafórico e polissêmico ao interpretar textos em língua portuguesa. A autora gerou um corpus com fraseologismos em Libras, utilizados por surdos de Brasília, e os dividiu em três categorias: metáforas equivalentes, metáforas semelhantes e metáforas diferentes.

A metáfora equivalente ocorre quando há correspondência tanto na forma quanto no sentido entre a expressão em língua portuguesa e sua realização em Libras. Faria (2003) apresenta exemplos como a expressão "ficar de queixo caído" (Figuras 8 e 9), que, em Libras, é representada por um sinal que remete ao movimento de queda do queixo. Nas duas línguas, essa construção metafórica expressa a ideia de surpresa, espanto ou admiração, preservando tanto a forma de representação quanto o significado. Outro exemplo é a expressão "cara de pau" (Figura 10), em que a representação em Libras faz referência ao rosto associado à ideia de rigidez ou insensibilidade, mantendo o mesmo sentido metafórico de uma pessoa sem vergonha ou descarada.

Figuras 8 e 9 - Sinal classificador FICAR-DE-QUEIXO-CAÍDO



Fonte: Produzida pela autora

Figura 10 - Sinal classificador CARA-DE-PAU



Fonte: Produzida pela autora

A metáfora semelhante ocorre quando a Libras e a língua portuguesa apresentam construções metafóricas diferentes para expressar um sentido equivalente ou quando uma mesma forma assume significados distintos em cada língua. Faria (2003) exemplifica com o gesto de tocar o cotovelo com uma das mãos, que corresponde ao conceito de CIÚME (Figura 11), enquanto, na língua portuguesa, o mesmo gesto remete à expressão "dor de cotovelo", relacionada à frustração ou ao sofrimento amoroso. Embora haja semelhança na forma, os significados atribuídos a essa representação diferem entre as duas línguas. Outro exemplo desse tipo de metáfora é a expressão NÃO ESTOU NEM AÍ (Figuras 12 e 13), em que há equivalência de sentido, mas a construção metafórica em Libras difere da utilizada na língua portuguesa.

Figura 11 - Sinal classificador CIÚME



Fonte: Produzida pela autora

Figura 12 e 13 - Sinal classificador NÃO-ESTOU-NEM-AÍ



Fonte: Produzida pela autora

A metáfora diferente corresponde a construções próprias da Libras que não possuem equivalência metafórica na língua portuguesa. Um exemplo que Faria (2003) apresenta é MÃOS DURAS (Figuras 14 e 15), sinal utilizado para se referir a uma pessoa que apresenta pouca fluência em Libras ou dificuldade para sinalizar.

Em oposição, o sinal MÃOS LEVES (Figura 16 e 17) caracteriza alguém que sinaliza com naturalidade e fluência. Embora a língua portuguesa também apresente a metáfora "mãos leves", ela é empregada com um significado diferente, referindo-se, em geral, a alguém que furta ou rouba de maneira discreta. Assim, não há uma expressão metafórica equivalente em português que corresponda ao sentido atribuído ao sinal em Libras, sendo possível apenas traduzir seu significado.

Figuras 14 e 15 - Sinal MÃOS-DURAS



Fonte: Produzida pela autora

Figuras 16 e 17 - Sinal MÃOS-LEVES



Fonte: Produzida pela autora

Esses são os três tipos de metáforas apresentados pela autora, que os apresenta como formas distintas de manifestação da linguagem metafórica e de construção de sentidos.

Por outro lado, Costa (2015), ao discutir a compreensão de metáforas por aprendizes de L2, faz referência a Littlemore e Low (2006, p. 6), que afirmam que, embora esses aprendizes utilizem com facilidade o conhecimento da L1 na L2, eles também enfrentam grandes dificuldades na compreensão da linguagem figurada em L2.

Faria (2003) destaca que a incompreensão de linguagem figurada por surdos bilíngues pode estar relacionada tanto às diferenças ou não equivalência metafórica entre a Libras e o Português, o que pode levar o surdo a fazer inferências literais, quanto à inadequação metodológica para o ensino de Português como L2 para surdos

Murta (2015) observa que surdos que têm a Libras como L1, a partir de suas experiências sociais e emocionais, utilizam metáforas para significar ou ressignificar suas experiências frequentemente, às vezes sem perceber o caráter metafórico de seus próprios sinais. Um exemplo disso é o sinal de CIÚMES, que foi citado anteriormente nas metáforas semelhantes. O sinal é realizado com uma das mãos tocando o cotovelo. Embora esse gesto possa remeter, na cultura ouvinte, à expressão idiomática "dor de cotovelo", a Libras atribuiu a essa configuração um significado metafórico relacionado ao sentimento de ciúme. Com o uso recorrente, essa metáfora tornou-se convencionalizada na língua, sendo empregada pelos

sinalizantes de forma natural, sem que, na maioria das vezes, haja consciência de sua origem metafórica.

Esse fenômeno evidencia que as metáforas em Libras não são um recurso difícil de ser encontrado ou limitado a contextos formais, mas parte integrante do cotidiano linguístico da comunidade surda.

4. TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO ENTRE O PORTUGUÊS E A LIBRAS

Este capítulo discorre sobre a tradução e a interpretação entre o Português e a Libras, e explica a diferença entre tradução e interpretação e apresenta o papel do Tradutor e Intérprete de Libras. Ainda discute os desafios de traduzir entre uma língua oral e uma língua de sinais e dialoga sobre as estratégias usadas para traduzir metáforas, destacando recursos como classificadores, o uso do espaço, as expressões não-manuais e a iconicidade, além dos desafios culturais e de formação que esse processo envolve.

4.1 Distinções fundamentais: tradução, interpretação e o papel do Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais–Português

Embora os termos "tradução" e "interpretação" sejam frequentemente utilizados como sinônimos, as áreas de atuação apresentam diferenças significativas, especialmente no que se refere ao suporte e ao tempo de elaboração. A tradução, de modo geral, refere-se ao processo de transposição de um texto escrito de uma língua-fonte para uma língua-alvo, permitindo ao tradutor tempo para consulta, revisão e reelaboração. Por outro lado, a interpretação ocorre em tempo real, na modalidade oral ou sinalizada, exigindo do intérprete processamento simultâneo ou consecutivo, sem possibilidade de revisão (Quadros, 2004).

No contexto da Libras, o profissional responsável por essa mediação é o Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais–Português (TILSP). A Lei nº 14.704, de 25 de outubro de 2023, regulamenta a atuação desse profissional e estabelece, em seu parágrafo único, que uma das atribuições do TILSP, no ato da função, é "intermediar a comunicação entre surdos e ouvintes por meio da Libras para a língua oral e vice-versa" (Brasil, 2023). Essa definição legal, embora necessária, não representa a

complexidade das decisões envolvidas na prática interpretativa, que vão muito além da mera transposição linguística.

Conforme observa Rodrigues (2018), a atuação do TILSP exige:

Lidar com diversos modos de conhecimentos em que é necessário saber o que, como e por que — referente a assuntos diversos e conteúdos específicos para expressar-se na língua, na construção do enunciado. Essa demanda envolve o uso de novas práticas e conhecimentos de mundo, escolhas lexicais e de sentido que precisam ser articulados, a partir de situações que são determinadas pelo contexto durante o ato interpretativo (RODRIGUES, 2018, p. 162).

Essa descrição evidencia que o intérprete não atua apenas como um "canal" de transmissão de mensagens, mas como um agente ativo na construção de sentidos, que utiliza conhecimentos linguísticos, culturais, discursivos e contextuais para realizar sua mediação. No caso específico da interpretação entre o Português e a Libras, essa complexidade é ainda maior, uma vez que as línguas envolvidas operam em modalidades distintas.

A tradução entre uma língua oral-auditiva e uma língua visual-espacial, como o Português e a Libras, é denominada tradução intermodal ou interlingual, pois envolve não apenas línguas diferentes, mas também sistemas de percepção e produção distintos. Conforme Quadros e Karnopp (2004), as línguas de sinais organizam seus mecanismos linguísticos a partir do uso do espaço, utilizando a orientação, o movimento e as expressões não manuais como recursos estruturais, enquanto as línguas orais se baseiam na linearidade temporal e na sequência sonora.

Essa diferença de modalidade impõe desafios específicos ao TILSP, que precisa reconstruir, em um campo visual-espacial, informações que na língua-fonte, foram organizadas de forma linear e auditiva. Como explica Lacerda (2009), o intérprete de língua de sinais na educação, por exemplo, precisa lidar com a simultaneidade de informações, ele deve estar atento ao discurso do professor, à sua própria sinalização, às expressões faciais e corporais, e também às reações dos alunos surdos, tudo ao mesmo tempo.

Rodrigues (2018) complementa que a mediação intermodal exige do intérprete não apenas o domínio das duas línguas, mas também a capacidade de tomar decisões rápidas sobre como estruturar o enunciado na língua-alvo, considerando as possibilidades e os limites da modalidade visual-espacial. Essas

decisões envolvem escolhas lexicais, mas também escolhas sintáticas, discursivas e pragmáticas, que são determinadas pelo contexto e pela finalidade comunicativa do ato interpretativo.

4.2 Estratégias tradutórias e desafios na mediação de metáforas

Quando o objeto da tradução é uma metáfora, os desafios se tornam ainda mais complexos. Como discutido no Capítulo 3, a metáfora conceptual envolve a projeção de elementos do domínio-fonte sobre o domínio-alvo, estabelecendo correspondências conceptuais que nem sempre encontram equivalente na língua-alvo. No caso da tradução intermodal entre Português e Libras, essa dificuldade é agravada porque os domínios-fonte disponíveis em uma língua oral-auditiva podem não ser diretamente acessíveis na modalidade visual-espacial. Ou seja, uma metáfora que é produtiva na cultura ouvinte pode não fazer sentido ou pode ter um sentido diferente na cultura surda, uma vez que a experiência visual-espacial dos surdos configura uma forma particular de perceber e descrever o mundo (Strobel, 2006).

A abordagem funcionalista da tradução, proposta por Nord (2016), oferece suporte para compreender esse processo. Segundo a autora, as decisões tradutórias devem considerar a finalidade do texto e as condições de produção e recepção envolvidas no ato comunicativo. No contexto da interpretação Libras-Português, essa perspectiva é particularmente relevante, pois o intérprete precisa considerar não apenas o que está sendo dito, mas também para quem, em qual contexto, e com qual objetivo. Essas variáveis influenciam diretamente as escolhas linguísticas e as estratégias adotadas durante a interpretação.

Para Nord (2016), a literatura sobre tradução de metáforas de línguas orais, de modo geral, identifica algumas estratégias que podem ser adaptadas para o contexto intermodal. Uma das mais comuns é a substituição, em que uma metáfora é substituída por outra equivalente na língua-alvo, quando o mesmo mapeamento conceptual está disponível em ambas as línguas. Nas Libras, podemos pensar no exemplo da expressão em LP "Ela está no topo da carreira." Essa expressão é motivada pela metáfora conceptual SUCESSO É PARA CIMA. Em Libras, o tradutor pode sinalizar CARREIRA seguido de um movimento ascendente para indicar que a

pessoa alcançou uma posição elevada, preservando a metáfora espacial (Figuras 18, 19 e 20).

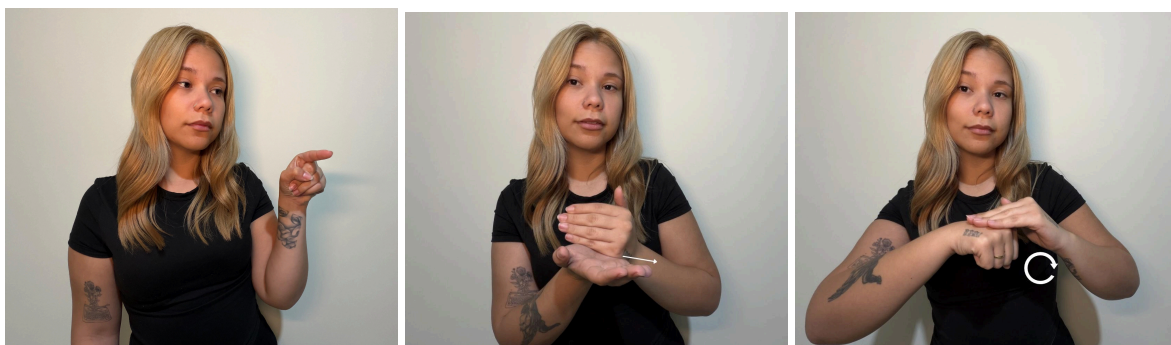
Figuras 18, 19 e 20 - Sinal classificador ELA-CARREIRA-TOPO



Fonte: Produzida pela autora

Quando a metáfora não tem correspondência direta, o tradutor pode recorrer à paráfrase (explicar o sentido metafórico por meio de expressões não metafóricas), à explicação (detalhar o significado para o público-alvo), como por exemplo a expressão em LP "Ele quebrou o gelo." Ao invés de traduzir literalmente QUEBRAR + GELO, pode-se explicar seu conceito sem usar a metáfora, ELE COMEÇAR CONVERSAR. PESSOAS FICAR MAIS À VONTADE (Figuras 21, 22, 23, 24, 25 e 26). A imagem metafórica é abandonada, mas o sentido comunicativo é preservado.

Figuras 21, 22 e 23 - Sinal classificador ELE-COMEÇAR-CONVERSAR



Fonte: Produzida pela autora

Figuras 24, 25 e 26 - Sinal classificador PESSOAS-FICAR-MAIS-À-VONTADE



Fonte: Produzida pela autora

No contexto específico da Libras, Rodrigues (2018) discorre que os intérpretes também recorrem a recursos específicos da modalidade visual-espacial para reconstruir metáforas. Entre eles, destacam-se: o uso de classificadores para representar de forma visual as relações metafóricas, a exploração do espaço para mapear domínios-fonte e domínio-alvo de espacial, o emprego de expressões não manuais para marcar a intenção metafórica do enunciado e a criação de iconicidades metafóricas, combinando iconicidade pura com mapeamentos metafóricos (Taub, 2001).

A escolha entre essas estratégias depende de diversos fatores, como já citado, como a familiaridade da metáfora para a comunidade surda, a disponibilidade de recursos expressivos na Libras, o contexto comunicativo e o conhecimento de mundo compartilhado entre intérprete e interlocutores. Nesse sentido, o TILSP precisa não apenas conhecer as duas línguas, mas também as duas culturas, para identificar quais mapeamentos metafóricos são compartilhados e quais precisam ser reconstruídos.

Essas questões, as estratégias tradutórias descritas pela literatura, os desafios apontados pelos pesquisadores e as implicações para a formação do TILSP, serão retomadas no capítulo de análise dos resultados, onde os dados coletados na revisão de literatura serão confrontados com as teorias aqui apresentadas.

5. PROCESSOS METODOLÓGICOS

O levantamento bibliográfico foi realizado no período dos meses de abril/maio de 2026, em bases de dados e repositórios acadêmicos reconhecidos, como o Portal de Periódicos da CAPES, SciELO e Google Acadêmico. Para a busca, foram utilizados descritores como: metáfora, Libras, língua brasileira de sinais, língua portuguesa, interpretação, tradução e metáforas conceituais.

Como critérios de inclusão, foram considerados estudos publicados entre 2015 e 2025, incluindo artigos, dissertações e teses que abordam a tradução ou a interpretação de metáforas do português para a Libras, disponíveis em língua portuguesa. Foram excluídos trabalhos que não se enquadraram no recorte temporal definido, que não apresentavam relação direta com metáforas ou com processos tradutórios/interpretativos, bem como publicações duplicadas ou sem acesso ao texto completo.

A seleção dos estudos foi realizada por meio da leitura dos resumos, com o objetivo de verificar a pertinência dos trabalhos em relação aos objetivos da pesquisa. Apenas os textos que apresentaram aderência ao foco do estudo foram selecionados para leitura integral e análise aprofundada.

Para complementar o levantamento inicial, foi realizada a ampliação da busca bibliográfica, contemplando novas bases de dados e diferentes estratégias de pesquisa, com foco em estudos sobre a interpretação de metáforas da Língua Portuguesa para Libras. Essa ampliação incluiu a consulta a periódicos especializados nas áreas de tradução, linguística e educação de surdos, resultando na seleção de trabalhos adicionais relevantes para a pesquisa.

No Portal de Periódicos da CAPES, a busca combinando os descritores "libras" e "metáfora" resultou em 13 trabalhos. Destes, 3 foram identificados como duplicados e 1 foi excluído por não apresentar relação com o escopo da pesquisa (área de conhecimento não pertinente), resultando em 9 trabalhos. Desses 9, apenas 2 foram considerados relevantes para esta pesquisa. É importante destacar que o acervo disponível na plataforma apresenta apenas publicações a partir de 2016, o que pode ter limitado a recuperação de estudos anteriores a esse período.

Na SciELO, a busca pela palavra "Libras" foi realizada com filtros de idioma, país e ano de publicação, seguida da análise individual dos resultados para verificar a presença de discussões sobre metáforas. No entanto, nenhum dos trabalhos

localizados apresentou relação com a temática investigada, o que resultou em 0 (zero) trabalhos selecionados.

No Google Acadêmico, a busca pelos descritores "metáfora do português na libras" resultou em 6.090 resultados. Tendo em vista a impossibilidade de análise de todo o conjunto, foi feita a leitura dos títulos e, quando necessário, dos resumos, até a 11ª página de resultados, a partir da qual não foram mais identificados trabalhos relevantes para os objetivos da pesquisa. Muitos dos resultados iniciais abordavam as figuras de linguagem de forma ampla, sem aprofundamento específico na tradução e interpretação de metáforas entre o Português e a Libras, sendo, portanto, excluídos. Foram selecionados 8 trabalhos pertinentes.

Para complementar o levantamento, foram consultados periódicos especializados nas áreas de tradução, linguística e educação de surdos, o que resultou na seleção de mais 3 trabalhos relevantes para os objetivos da pesquisa. Ao final do processo de triagem, um total de 13 trabalhos foi selecionado para leitura integral e análise aprofundada.

6. RESULTADOS

Neste capítulo, serão apresentados os resultados obtidos a partir da revisão de literatura realizada sobre a tradução e a interpretação de metáforas da Língua Portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais. A exposição dos dados está organizada em três seções: primeiro, o corpus de estudos analisados; em seguida, sintetizam-se os achados referentes aos referenciais teóricos, aos recursos linguísticos, às estratégias tradutórias e aos desafios apontados pela literatura; por fim, apresentam-se as convergências e divergências identificadas entre os trabalhos. Os 13 trabalhos selecionados para análise aprofundada estão listados no Quadro 1, com suas respectivas informações de autoria, ano, título e foco principal.

Quadro 1- Trabalhos relacionados a interpretação de metáforas da LP para a Libras

Nº	Tipo de pesquisa	Título	Ano	Autor(es)	Foco/Objetivo
1	Dissertação	Leitura e compreensão de expressões metafóricas em português como L2 por surdos sinalizadores	2015	Josiane Marques	Compreensão de metáforas em 3 condições.
2	Monografia	Metáforas em Língua Portuguesa e a tradução para a Libras em material didático bilíngue	2015	Patricia Ribeiro Nachtigall	Análise de traduções em material bilíngue.
3	Artigo	A equivalência metafórica entre Libras e Língua Portuguesa	2015	Josiane Costa	Compreensão de metáforas por surdos bilíngues.
4	Artigo	Processo de ensino-aprendizagem de Português e de Libras: teoria da metáfora conceptual	2019	Valéria Fernandes Nunes	Ensino de metáforas com poema "O Bicho" de Manuel Bandeira.
5	Artigo	Uso de metáfora publicitária nas aulas de Língua Portuguesa	2020	Mamedes <i>et. al.</i>	Ensino de metáforas na publicidade para surdos.
6	Tese	O ensino de metáforas em Língua Portuguesa para surdos bilíngues Libras-Português	2020	Josiane Marques da Costa	Análise de livros didáticos e quasi-experimento.
7	Tese	Leitura em Língua Portuguesa como segunda língua por surdos: uma análise da interpretação de metáforas	2020	Ana Rachel Carvalho Leão	Leitura de textos metafóricos com e sem imagens.
8	Dissertação	Expressões metafóricas e o Instagram: uma proposta de leitura e ampliação de sentidos em língua portuguesa para alunos surdos	2020	Luana da Mota Santos	Proposta de leitura com anúncios publicitários.
9	Artigo	Os processos tradutórios de metáforas da Língua Portuguesa para Língua Brasileira de Sinais no contexto artístico-cultural	2021	Albuquerque; Gabriel; Charlene da Silva	Tradução de duas músicas.
10	Monografia	A metáfora pela perspectiva surda: a leitura de metáfora em segunda língua por pessoas surdas usuárias da Libras	2024	Sandrine Farias	Reconhecimento de provérbios por surdos.
11	Dissertação	Hino do Maranhão: análises metafóricas orientadas à tradução em Libras	2024	Cesar Rafael Ramos dos Santos	Tradução de metáforas do hino para Libras.
12	Artigo	Metáfora conceptual e musicalidade em Libras	2025	Sessa, Souza e Nunes	Tradução de metáforas na música "Novo Tempo".
13	Monografia	Estratégias de tradução e interpretação de uma metáfora presente na canção "Amarelo, Azul e Branco" do duo Anavitória	2025	Isabella Barbosa e Lorrana Lima	Análise de estratégias de 3 TILSPs

Fonte: elaborado pela autora (2026)

6.1 Referenciais teóricos predominantes

A análise dos referenciais teóricos mobilizados nos estudos selecionados revela a predominância de três grandes eixos teóricos, que se articulam de maneiras diversas ao longo dos trabalhos.

A Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), proposta por Lakoff e Johnson (1980, 2002), constitui o arcabouço teórico mais recorrente, sendo citada direta ou indiretamente em todos os 13 trabalhos. Os estudos de Sessa *et al.* (2025), Costa (2015, 2020), e Leão (2020), por exemplo, fundamentam-se explicitamente na TMC para analisar como metáforas conceptuais como BOM É PARA CIMA, RUIM É PARA BAIXO, FUTURO É PARA FRENTE e VIDA É JORNADA se manifestam em Libras e em Português.

A Linguística Cognitiva, em especial os pressupostos da corporificação dos sentidos e do experiencialismo, também é amplamente mobilizada, com destaque para os trabalhos de Sessa *et al.* (2025) e Costa (2015), que discutem como as experiências corpóreas fundamentam a construção de metáforas conceptuais em ambas as línguas. No campo dos estudos da tradução, destaca-se a abordagem funcionalista de Nord (2006), citada por Santos (2024) e Nachtigall (2015), que orienta a análise das estratégias tradutórias com foco na adequação ao público-alvo e na função comunicativa do texto traduzido.

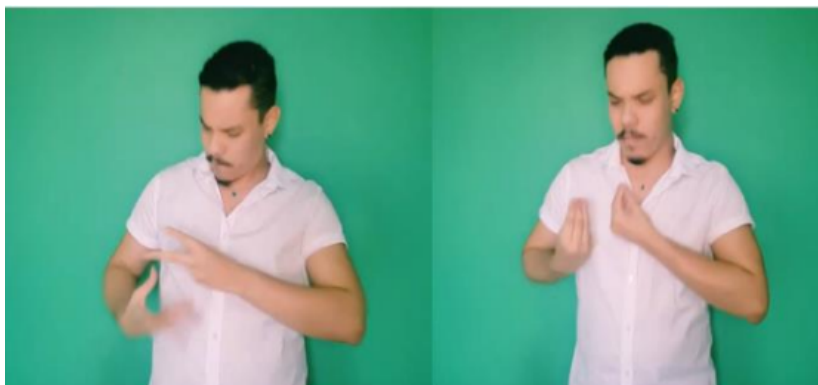
6.2 Recursos linguísticos da Libras mobilizados na tradução de metáforas

A análise dos estudos revela um conjunto consistente de recursos linguísticos da Libras mobilizados pelos tradutores e intérpretes na mediação de metáforas. Os recursos mais recorrentemente citados foram: o uso de classificadores e do espaço, expressões não-manuais e a iconicidade, descritos a seguir.

Os classificadores são mencionados em todos os estudos que analisam processos tradutórios ou interpretativos, sendo apontados como um recurso central para a tradução de metáforas. Barbosa e Lima (2025) observam que a presença de classificadores no processo de tradução de metáforas é inevitável, tendo sido utilizada por todos os três TILSPs analisados em sua pesquisa. Um exemplo da pesquisa das autoras é na tradução da música “Amarelo, azul e branco”, de Anavitéria. Em um trecho, a música faz referência à ideia de entregar o coração resistente ao seu país, apresentando uma construção sequencial de CL para obter

um sentido conforme a metáfora, mais especificamente na parte da canção “[...] vem do coração [...]” (Figura 16).

Figura 16 - Sinal classificador ENTREGAR feito no peito



Fonte: Aguiar (2021, n.p), citado por Barbosa e Lima (2025)

Nunes (2019) também destaca o papel dos classificadores como recurso colaborador para o entendimento ágil de metáforas poéticas, e Leão (2020) registra o uso de classificadores por participantes surdos ao sinalizarem metáforas. A autora ilustra a ocorrência de metáforas por meio de alguns exemplos, entre eles a seguinte tirinha (Figura 17):

Figura 17 - Tirinha Mafalda



Fonte: Correio Braziliense, citado por Leão (2020)

Em sua pesquisa, Leão (2020) buscou compreender como ocorre a leitura em língua portuguesa por pessoas surdas. Entre os participantes do estudo estava Silvana, aluna do curso de extensão de Português como Segunda Língua do IFMG – Campus Congonhas, que realizou a interpretação da tirinha. A interpretação da tirinha realizada pela participante foi a seguinte:

Silvana: [glosa] EL@ [aponta e olha para a tela do computador] FALAR <SERÁ QUERER COLOCAR>? [faz gesto como se estivesse passando a fita em volta de sua cabeça, mãos na configuração da letra A] VER [classificador segurando a fita e passando em volta de sua cabeça] PORQUE CABEÇA DEL@ GRANDE [imita a personagem segurando fita e a olhando com cara de dúvida, abaixamento dos cantos da boca, movimento da cabeça de um lado para o outro e novamente passa a fita em volta de sua cabeça].

Mesmo sem compreender plenamente o significado da metáfora apresentada, ela utilizou os elementos classificadores disponíveis como uma tentativa de interpretação.

O uso do espaço também é mobilizado como recurso estrutural para representar relações metafóricas, especialmente nas metáforas orientacionais, utilizadas para organizar um sistema de conceitos em termos de orientações espaciais. Sessa *et al.* (2025) analisam como os movimentos direcionais (para cima, para baixo, para frente, para trás) realizam as metáforas conceptuais BOM É PARA CIMA, RUIM É PARA BAIXO e FUTURO É PARA FRENTE. As autoras, que analisam a interpretação da música “Novo tempo”, pelo Coral em Libras de dois projetos de extensão da UFRJ, mostram que no verso selecionado “estamos mais vivos”, foi sinalizado o sinal VIVER e, em seguida, a mão que fica fechada no sinal viver se abre em direção para cima e suavemente para a diagonal. Essa movimentação para cima está relacionada à metáfora conceptual BOM É PARA CIMA, já que colabora para uma representatividade visual que amplia a noção de “estar vivo” dando intensidade, como a música apresenta.

Nunes (2019) registra o uso do espaço para distinguir narrador e personagem na adaptação poética para Libras. Ao analisar a poesia O Bicho, de Manuel Bandeira, a autora sugere aos alunos surdos para que na narrativa utilizassem dois personagens: o narrador e o “homem-bicho”. Para o narrador, a marcação da sinalização em Libras foi feita espacialmente no centro e para o personagem, o “homem-bicho”, a sinalização em Libras foi feita à direita. A autora ainda explica que

essa separação no espaço é marcada nos primeiros versos para contextualizar a narrativa: ação do narrador - Vi ontem um bicho; ação do personagem - Na imundície do pátio/ Catando comida entre os detritos.

As expressões faciais e corporais são citadas como recursos que conferem sentido metafórico e marcam ênfase ou intencionalidade. Sessa et al. (2025) registra o uso de expressão não-manual contundente para dar ênfase ao sinal CANSAÇO. As autoras, ainda analisando a interpretação da música “Novo Tempo”, avaliaram que o verso “de toda a fadiga” foi traduzido pelo sinal “CANSAÇO”, juntamente com a expressão não-manual para dar a ideia de ênfase. Esse sinal apresenta movimento descendente e sentido negativo, que representa a metáfora conceptual RUIM É PARA BAIXO.

A iconicidade é mencionada como um recurso expressivo da Libras, especialmente nos trabalhos que se fundamentam em Taub (2001) e Wilcox (2000). Farias (2024) observa que os participantes, mesmo não reconhecendo as frases, tentaram compreender com base no contexto elaborado por suas experiências próprias. Ao traduzir os provérbios sugeridos, eles buscaram traduzir com uma iconicidade sintática, ou seja, utilizando sinais que possuem uma forma que lembra visualmente o objeto, a ação ou o conceito que representa. Além de usar os sinais icônicos, eles também reorganizaram a estrutura da frase e utilizaram muita expressão facial, explorando a natureza visual-espacial da Libras.

6.3 Estratégias tradutórias e interpretativas descritas pela literatura

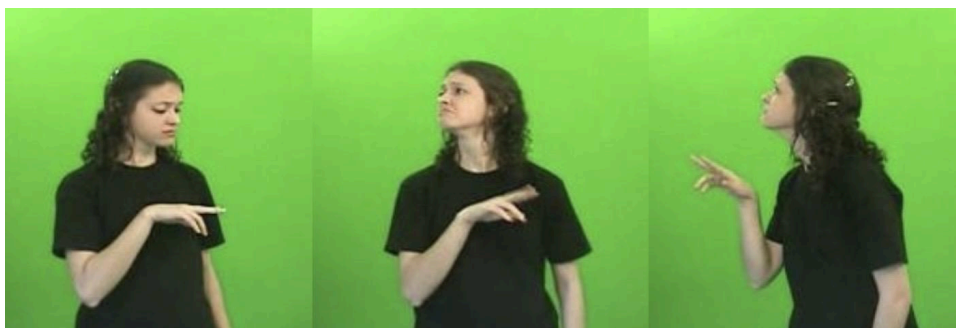
Os estudos analisados descrevem um conjunto de estratégias empregadas por tradutores, intérpretes e professores no processo de mediação de metáforas entre o Português e a Libras. As principais estratégias identificadas foram: 1. a tradução literal; 2. a substituição por metáfora equivalente; 3. uso de classificadores e recursos visuais; 4. explicação/paráfrase; 5. o ensino explícito da metáfora conceptual; 6. a personificação e estratégias performáticas; e, 7. o uso de recursos visuais, descritos a seguir.

1. Tradução literal: Diversos trabalhos registram o uso da tradução literal como estratégia recorrente. Barbosa; Lima (2025) observa que dois dos três TILSPs analisados aderiram à tradução literal das palavras para realizar a tradução da música. Ainda falando sobre a interpretação da música “Amarelo, azul e branco”, um dos tradutores da participantes da pesquisa, ao sinalizar a

expressão “meu coração é um país” utilizando, em sequência, os sinais de EU, CORAÇÃO e PAÍS. O uso do sinal EU funciona como estratégia para representar o possessivo “meu”, enquanto os demais sinais correspondem diretamente às palavras do português, evidenciando uma tradução predominantemente lexical e alinhada à estrutura do texto-fonte. Leão (2020) e Costa (2015) apontam que, diante de metáforas desconhecidas, os participantes tendem a recorrer à tradução literal e à interpretação palavra por palavra.

2. Substituição por metáfora equivalente: Quando há correspondência metafórica entre as línguas, os tradutores recorrem à substituição. Nachtigall (2015) menciona que os tradutores buscaram utilizar expressões metafóricas correspondentes em Libras quando possível. Uma das atividades selecionadas para servir de exemplo foi selecionada de um livro didático e apresenta a narrativa de um macaco que deixa sua banana cair no oco de uma árvore e passa a pedir ajuda a diferentes personagens. Em um dos trechos, aparece a expressão “o lenhador não ligou para ele”. Na tradução para Libras, a tradutora interpreta o sentido metafórico de ignorar ou não dar atenção por meio do sinal VER (Figura 20) acompanhado de expressão facial de desprezo. Em seguida, incorpora a personagem do lenhador, desviando o olhar, a cabeça e o tronco em direção oposta ao macaco, preservando o sentido da expressão e explorando um aspecto cultural do Povo Surdo, em que o contato visual é fundamental para demonstrar atenção ao interlocutor.

Figura 20 - NÃO-LIGOU-PRA-ELE



Fonte: Nachtigall (2015)

3. Uso de classificadores e recursos visuais: O uso de classificadores, planos espaciais e recursos visuais é a estratégia mais recorrente, conforme já

discutido na seção anterior. Albuquerque et al. (2021) registram que os intérpretes utilizaram planos espaciais (alto/baixo) e configurações de mão para representar dualidades metafóricas. Mamedes (2020) destaca a importância dos recursos visuais no ensino de metáforas para surdos.

4. Explicação/paráfrase: Em contextos de ensino, a explicação do significado metafórico é uma estratégia frequente. Costa (2020) registra que professoras utilizam explicação, comparação e imagens para ensinar metáforas a alunos surdos. Abaixo teremos a fala de uma dessas professoras:

A estratégia é a explicação. Por exemplo, eu gosto muito quando vou falar sobre metáfora e comparação. Então eu dou um exemplo: minha filha é uma flor. Então, isso é metáfora. Eu peço para o intérprete explicar para o surdo, porque eu faço essa comparação. Porque o falante da língua já sabe, mas o surdo vai ter que entender que aquele conhecimento, que o falante da língua já tem, ele vai ter que adquirir naquela hora. Uma flor é delicada, é bonita, cheirosa, então, essas características fazem com que eu compare minha filha com uma flor (COSTA, 2020, p. 111).

5. Ensino explícito da metáfora conceptual: Costa (2020) testou experimentalmente o ensino explícito da metáfora conceptual IDEIAS SÃO OBJETOS, demonstrando que essa abordagem favorece a compreensão de expressões metafóricas em Português por surdos, em comparação com o ensino tradicional baseado em tradução. Como exemplo, o estudo experimental da autora verificou que participantes surdos submetidos ao ensino explícito da metáfora conceptual IDEIAS SÃO OBJETOS obtiveram melhor desempenho na compreensão e retenção de expressões metafóricas em português do que aqueles que receberam apenas uma abordagem tradicional baseada na tradução das metáforas. Os resultados sugerem que o ensino dos mapeamentos metafóricos pode favorecer a aprendizagem dessas expressões por pessoas surdas.
6. Personificação e estratégias performáticas: Albuquerque et al. (2021) registram que intérpretes utilizaram a personificação como estratégia, imaginando pessoas ou cenários para representar metáforas. Ao retomarmos a atividade anteriormente apresentada, referente ao trecho em que o lenhador ignora o pedido do macaco, também é possível observar o recurso da incorporação. Nesse exemplo, a tradutora assume o papel da personagem do lenhador, mantendo a configuração de mão e realizando movimentos de

cabeça, tronco e orientação da mão para o lado oposto ao da localização imaginária do macaco, reforçando a ideia de que o personagem o ignora.

7. Uso de recursos visuais: Os recursos visuais são essenciais no ensino de metáforas para estudantes surdos, pois facilitam a compreensão de significados que vão além do sentido literal das palavras. Ao explorar imagens e estratégias visuais, é possível tornar mais claras as relações entre a Libras e o português escrito.

Por outro lado, Leão (2020) apresenta como exemplo que um dos estudos constatou que, embora as imagens fossem utilizadas para auxiliar a interpretação de textos por estudantes surdos, elas nem sempre eram relacionadas ao texto escrito ou interpretadas da forma esperada. Esse resultado evidencia que a presença de recursos visuais, por si só, não garante a compreensão, reforçando a importância de ensinar também a leitura e a interpretação de imagens.

Mota (2020) também menciona o uso de vídeos produzidos pelos alunos como estratégia de ensino. A autora apresenta como exemplo um estudo que utilizou apresentações em PowerPoint e vídeos para o ensino de expressões idiomáticas observou melhora no desempenho dos estudantes surdos entre o teste inicial e o teste final. Além disso, os participantes demonstraram entusiasmo ao perceber que uma mesma expressão podia apresentar diferentes interpretações, evidenciando que o uso de recursos visuais e de uma metodologia diferenciada pode favorecer a aprendizagem do português por alunos surdos.

8. Adequação ao público-alvo: Nachtigall (2015) e Santos (2024) destacam a importância da adequação da tradução ao público-alvo, considerando as especificidades culturais e linguísticas da comunidade surda.

Com as análises, compreendemos que a adequação da tradução ao público alvo é vital, uma vez que muitas metáforas em português diferem consideravelmente da cultura a que pertence a língua de sinais, assim se traduzidas de forma literal ocasionam choque e incoerência ou se traduzidas pelo sentido pode acarretar na desconstrução da metáfora (NACHTIGALL, 2015, p.59).

6.4 Desafios apontados pela literatura

Os estudos selecionados apontam uma série de desafios enfrentados no processo de tradução e interpretação de metáforas entre o Português e a Libras, que podem ser agrupados em cinco categorias principais, os desafios linguísticos e

conceptuais, os desafios culturais, os desafios educacionais, desafios da tradução de músicas e poesias, e os desafios da formação do intérprete.

A ausência de equivalência metafórica entre as línguas é o desafio mais recorrente. Costa (2015) demonstra que as metáforas existentes apenas no Português são dificilmente compreendidas por surdos, que tendem a interpretá-las literalmente. Alguns exemplos dessas metáforas citadas pela autora são: “A Carol me disse que a cidade de Betim fica morta à noite.”, “Ana e eu somos amigas e a nossa amizade nasceu de repente.” e “A nossa visita ao orfanato de crianças continua de pé.” Leão (2020) confirma que a falta de equivalência leva a interpretações literais e à transferência de significados concretos da L1 para a L2. Nachtigall (2015) discorre que a tradução literal de metáforas que não fazem parte da cultura-alvo pode prejudicar a comunicabilidade.

A diferença entre a cultura surda e a cultura ouvinte é apontada como um fator que dificulta a compreensão metafórica. Farias (2024) destaca a lacuna entre a experiência surda e a linguagem figurada predominante na sociedade ouvinte. Costa (2020) menciona que os surdos podem não ter acesso a convenções culturais necessárias para compreender metáforas. Sessa et al. (2025), por outro lado, observa que metáforas orientacionais como BOM É PARA CIMA e FUTURO É PARA FRENTE são compartilhadas entre Português e Libras, facilitando a compreensão.

A inadequação do ensino de Português como L2 para surdos é apontada como um fator que agrava as dificuldades de compreensão metafórica. Costa (2020) critica a abordagem tradicional dos livros didáticos, que apresentam listas descontextualizadas de expressões idiomáticas sem atividades associadas. Mota (2020) defende a importância de metodologias diferenciadas e do uso de recursos tecnológicos no ensino de metáforas. Leão (2020) ressalta a necessidade de ensinar a leitura de imagens para surdos, uma vez que a imagem nem sempre é lida ou associada ao texto escrito, como citado no tópico anterior.

Albuquerque et al. (2021) e Barbosa e Lima (2025) apontam que a tradução de metáforas em músicas e poesias é particularmente desafiadora, exigindo estudo prévio, conhecimento da obra e estratégias visuais específicas. Sessa et al. (2025) ressalta que a tradução de músicas envolve transformações simbólicas, culturais e sensoriais cognitivamente mediadas:

Vale destacar que traduzir músicas é uma tarefa complexa que exige competências linguísticas, culturais e compreensão da linguagem

artística e de elementos não verbais. A complexidade aumenta na tradução intermodal, como do português para a Libras, por envolver diferenças culturais e recursos visuais e espaciais próprios das línguas de sinais (SESSA *et al.*; 2025, p. 390).

Costa (2020) e Leão (2020) mencionam a falta de formação adequada de professores e intérpretes como um obstáculo para o ensino e a mediação de metáforas. Nachtigall (2015) observa que cada tradutor é responsável por suas escolhas linguísticas, o que pode resultar em traduções diversas, mesmo em materiais supervisionados.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar, por meio de uma revisão de literatura, como a produção acadêmica publicada entre 2015 e 2025 tem discutido a tradução e a interpretação de metáforas da Língua Portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais (Libras). A partir da análise de 13 trabalhos, foi possível traçar um panorama do estado da arte sobre o tema, identificando convergências, divergências e lacunas que apontam direções promissoras para pesquisas futuras.

Retomando a pergunta de pesquisa que orientou este estudo: Como a literatura acadêmica publicada nos últimos dez anos tem discutido a tradução e a interpretação de metáforas da Língua Portuguesa para a Libras, no que se refere aos recursos linguísticos empregados, às estratégias tradutórias descritas e aos desafios identificados? Os resultados obtidos oferecem respostas consistentes, mesmo que parciais, diante da dimensão do fenômeno estudado.

Em relação aos recursos linguísticos, os estudos analisados convergem ao apontar os classificadores, o uso do espaço, as expressões não-manuais e a iconicidade como os recursos mais mobilizados na mediação de metáforas. Esses elementos, que distinguem a Libras das línguas orais, confirmam a natureza visual-espacial da língua de sinais e evidenciam que a tradução de metáforas não se limita à transposição de palavras, mas envolve a reconstrução de sentidos por meio de operações visuoespaciais. Os classificadores, principalmente, destacam-se como recurso central, pois permitem a representação dessas relações abstratas.

Quanto às estratégias tradutórias, a literatura descreve um repertório diversificado que inclui a tradução literal, a substituição por metáforas equivalentes,

o uso de recursos visuais, a explicação e paráfrase, a personificação e a adequação ao público-alvo. A relação dessas estratégias mostra que a tradução de metáforas não é um processo homogêneo, mas depende do conhecimento do intérprete com a metáfora, da disponibilidade de equivalentes na Libras, do contexto comunicativo e do público-alvo. A tendência à tradução literal, observada diante de metáforas desconhecidas, confirma pesquisas anteriores que evidenciam que bilíngues tendem a transferir elementos da L1 para interpretar metáforas em L2 (Faria, 2003; Irujo, 1986).

Um dos pontos mais relevantes é a evidência de que o ensino da metáfora conceptual é mais eficaz do que abordagens tradicionais baseadas em listas com exemplos sem contextos. Esse resultado confirma pesquisas anteriores sobre o ensino de metáforas em segunda língua, sugerindo que o ensino de Português como L2 para surdos deve incorporar a perspectiva da Linguística Cognitiva, apresentando não apenas as expressões isoladamente, mas também os mapeamentos conceptuais que as fundamentam. A abordagem multimodal e visual também se mostra eficaz, confirmando a importância de explorar a natureza visual dos alunos surdos e de utilizar recursos como imagens, vídeos e anúncios publicitários no ensino de metáforas.

Os desafios identificados, linguísticos, culturais, educacionais e formativos, revelam a complexidade do processo de mediação de metáforas entre o Português e a Libras. A ausência de equivalência metafórica entre as línguas, a diferença entre a cultura surda e a cultura ouvinte, a inadequação metodológica do ensino de Português como L2 e a falta de formação adequada de professores e intérpretes são obstáculos recorrentes que precisam ser enfrentados para que a mediação de metáforas seja eficaz.

Como contribuições deste estudo, destacam-se: (i) a sistematização do conhecimento produzido sobre a tradução e interpretação de metáforas entre o Português e a Libras na última década; (ii) a identificação dos referenciais teóricos, recursos linguísticos, estratégias tradutórias e desafios que caracterizam esse campo; (iii) a proposição de implicações pedagógicas para o ensino de Português como L2 para surdos; e (iv) a indicação de lacunas e direções para pesquisas futuras, contribuindo para o fortalecimento dos estudos da tradução e da interpretação envolvendo a Libras.

A análise também revelou lacunas importantes na literatura: a escassez de estudos empíricos com grupos controlados; o predomínio de pesquisas focadas em contextos educacionais; a concentração em metáforas orientacionais; a pouca atenção à variação linguística da Libras; a ausência de estudos sobre tradução escrita; mas, principalmente, a falta de pesquisas que valorizem a perspectiva do surdo sobre como ele próprio compreende e produz metáforas em sua língua.

É importante reconhecer as limitações deste estudo. A revisão de literatura está circunscrita ao período de 2015 a 2025 e às bases de dados consultadas, o que pode ter excluído trabalhos relevantes publicados em periódicos não indexados ou em outras línguas. Além disso, a análise se baseou exclusivamente em fontes documentais, sem a realização de pesquisa empírica com tradutores, intérpretes ou surdos, o que limita a compreensão das práticas efetivas de mediação metafórica. Pesquisas futuras poderiam complementar os achados aqui apresentados por meio de estudos de caso, entrevistas com profissionais e experimentos psicolinguísticos.

Essas lacunas apontam ideias para pesquisas futuras, que possam ampliar o conhecimento sobre a mediação de metáforas entre o Português e a Libras e contribuir para a formação de tradutores e intérpretes mais bem preparados para enfrentar os desafios identificados.

Espera-se que este estudo possa subsidiar a formação crítica de tradutores e intérpretes que atuam na mediação de sentidos metafóricos entre o Português e a Libras, como também contribuir para o fortalecimento dos estudos da tradução e da interpretação envolvendo a Libras. A metáfora, como mecanismo central da cognição humana, é parte constitutiva de qualquer língua natural, e sua mediação entre línguas de modalidades distintas exige do tradutor e do intérprete não apenas competência linguística, mas também sensibilidade cultural, conhecimento conceptual e capacidade de criar, no espaço tridimensional da sinalização, correspondências visuais que permitam ao surdo acessar os mesmos sentidos que o ouvinte acessa por meio das palavras. Esse é o desafio central da tradução intermodal: construir pontes entre mundos linguísticos e culturais distintos, garantindo que a comunicação de forma geral seja um direito de todos.

REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suárez. **Metáfora - uma visão funcionalista**. Letras : Revista do Instituto de Letras da PUC-Campinas, v. 19, n. 1/2, p. 95-108, 2000 Tradução. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Abreu_AS_1129313_MetaphoraUmaVisaoFuncionalista.pdf. Acesso em: 01 maio 2026.

ALBRES, Neiva de Aquino. Integração entre metáfora, metonímia e iconicidade: estudos da Linguística Cognitiva. In: ALBRES, Neiva de Aquino; XAVIER, Alexandre N. (org.). Libras em estudo: descrição e análise. São Paulo: Editora da FENEIS, 2012. p. 57-84.

ALBUQUERQUE, Patrícia Edja Lima de; GABRIEL, Rosenice de Lima; SILVA, Charlene de Lima Alexandre da. **Os processos tradutórios de metáforas da língua portuguesa para língua brasileira de sinais no contexto artístico-cultural**. Línguas & Letras, v. 8, n. 2, p. 1-11, 2021.

BLASKO, Dawn G.; CONNINE, Cynthia M. Effects of familiarity and aptness on metaphor processing. Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition, v. 19, n. 2, p. 295-308, 1993.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23 dez. 2005.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 2 fev. 2026.

BRASIL. **Lei nº 14.704, de 25 de outubro de 2023**. Reconhece a Língua Brasileira de Sinais – Libras como patrimônio cultural imaterial do Brasil. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 26 out. 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2023-2026/2023/lei/l14704.htm. Acesso em: 26 mar. 2026.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Gramática: texto, reflexão e uso**. 3. ed. São Paulo: Atual, 2009.

COELHO, Larissa Braga; COSTA, Josiane Marques da. **Surdos filhos de pais ouvintes: o que dizem as famílias em relação à aquisição da Libras (Língua Brasileira de Sinais) como primeira língua**. Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2021

COSTA, Josiane. **A equivalência metafórica entre Libras e língua portuguesa: a compreensão de metáforas por surdos bilíngues de português**. In: SEMANA DE EVENTOS DA FACULDADE DE LETRAS DA UFMG (SEVFALE), 12., 2015, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2015. p. 157-167.

COSTA, Josiane. **Ensino de metáforas em língua portuguesa para surdos bilíngues Libras-Português**. 2020. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

COSTA, Josiane Marques da. **Leitura e compreensão de expressões metafóricas em português como L2 por surdos sinalizadores**. 2015. 155 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

DANESI, Marcel. Conceptual errors in second-language learning. In: KNOP, Sabine de; RYCKER, Teun de (ed.). **Cognitive approaches to pedagogical grammar: a volume in honour of René Dirven**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008. p. 231-256.

FARIA, Sandra Patrícia de. **A metáfora na LSB e a construção dos sentidos no desenvolvimento da competência comunicativa de alunos surdos**. 2003. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

FARIAS, Sandrine. **A metáfora pela perspectiva surda: a leitura de metáfora em segunda língua por pessoas surdas usuárias da Libras**. 2024. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024.

FENEIS. **O que é a FENEIS**. Disponível em: <https://feneis.org.br/o-que-e/>. Acesso em: 26 mar. 2026.

FERNANDES, Sueli. É possível ser surdo em português? Língua de sinais e escrita: em busca de uma aproximação. In: SKLIAR, Carlos (org.). **Atualidades na educação bilíngue para surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999. v. 2, p. 59-81.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

GIBBS JR., Raymond W. **The poetics of mind: figurative thought, language, and understanding**. New York: Cambridge University Press, 1994.

GIBBS JR., Raymond W. Image schemas in conceptual development: what happened to the body? **Philosophical Psychology**, v. 21, n. 2, p. 231-239, 2008.

GIORA, Rachel. **On our mind: salience, context, and figurative language**. New York: Oxford University Press, 2003.

GLUCKSBERG, Sam. **Understanding figurative language: from metaphors to idioms**. New York: Oxford University Press, 2001.

GÓES, Maria Cecília. **Linguagem, surdez e educação**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

GRADY, Joseph. **Foundations of meaning: primary metaphor and primary scenes**. 1997. Tese (Doutorado em Linguística) – University of California, Berkeley, 1997.

GUARINELLO, Ana Cristina. **O papel do outro na escrita de sujeitos surdos**. São Paulo: Plexus, 2007.

IRUJO, Suzanne. Don't put your leg in your mouth: transfer in the acquisition of idioms in a second language. **TESOL Quarterly**, v. 20, n. 2, p. 287-304, 1986.

KÖVECSES, Zoltán. **Language, mind, and culture: a practical introduction**. New York: Oxford University Press, 2006.

KÖVECSES, Zoltán. **Metaphor in culture: universality and variation**. New York: Cambridge University Press, 2005.

KÖVECSES, Zoltán. **Metaphors of anger, pride and love: a lexical approach to the structure of concepts**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1986.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução de Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

LANGACKER, Ronald W. **Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites**. Stanford: Stanford University Press, 1987. v. 1.

LITTLEMORE, Jeannette. **Metaphoric competence: a possible language learning strength of students with a holistic cognitive style?** *TESOL Quarterly*, v. 35, n. 3, p. 459-491, 2001.

MAMEDES, Rosilene Felix et. al. **Uso de metáfora publicitária nas aulas de Língua Portuguesa: desenvolvimento da consciência e competência comunicativa do aprendiz surdo**. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 12, e49091212169, 2020. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i12.12169>. Acesso em: 17 jun. 2026.

MURTA, Michelle Andréa. **Metáfora em Libras: um estudo de seu uso por pessoas surdas**. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: https://bib.pucminas.br/teses/Letras_MurtaMA.pdf. Acesso em: 15 jun. 2026.

NACHTIGALL, Patrícia Ribeiro. **Metáforas em língua portuguesa e a tradução para a Libras em material didático bilíngue**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras Libras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://share.google/uNr2LI8ogH7Z5tVxNj0Bj>. Acesso em: 17 jun. 2026.

NORD, Christiane. **Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicações didáticas**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

NUNES, Valeria Fernandes. **Parâmetro Orientação em Libras: investigando metáforas e esquemas imagéticos**. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 44, n. 79, p. 29-37, jan./abr. 2019.

NUNES, Valeria Fernandes. **Processo de ensino-aprendizagem de português e de Libras: teoria da metáfora conceptual**. In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISAS EM LINGÜÍSTICA E LIBRAS, 2017. Anais... p. 152-162, 2017.

QUADROS, Ronice Müller de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RODRIGUES, Carlos Henrique. **Tradução e interpretação em Libras: desafios da mediação intermodal**. *Revista Brasileira de Tradução Visual*, 2018.

SANTOS, Cesar Rafael Ramos dos. **Hino do Maranhão: análises metafóricas orientadas à tradução em Libras**. 2024. 86 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024.

SANTOS, Luana da Mota. **Expressões metafóricas e o Instagram: uma proposta de leitura e ampliação de sentidos em Língua Portuguesa para alunos surdos**. 2020. 81 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, 2020.

SARDINHA, Tony Berber. **Metáfora**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 30. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

SEARLE, John R. Metaphor. In: ORTONY, Andrew (ed.). **Metaphor and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 92-123.

SESSA, Glênia Aguiar Belarmino da Silva. **Processos linguístico-cognitivos em enunciados avaliativos da Libras**. 2023. 173 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

SESSA, Glênia Aguiar Belarmino da Silva; SOUZA, Adriana Baptista de; NUNES, Valeria Fernandes. **Metáfora conceptual e musicalidade em Libras**. *EntreLetras*, v. 15, n. 2, p. 1-16, jul./dez. 2025. DOI: 10.70860/ufnt.entreletras.e19554. Disponível em: <https://doi.org/10.70860/ufnt.entreletras.e19554>. Acesso em: 6 jun. 2026.

SILVA, D. R. C. da Jr. **Metáfora em Libras: um estudo de léxico**. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/193776/PLLG0729-D.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2026.

SORIANO, Cristina. La metáfora conceptual. In: IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide; VALENZUELA, Javier (ed.). **Lingüística cognitiva**. Barcelona: Anthropos, 2012. p. 97-121.

STOKOE, William C. **Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the American Deaf**. Silver Spring: Linstok Press, 1960. (Studies in Linguistics: Occasional Papers, n. 8).

TAUB, Sarah F. **Language from the body: iconicity and metaphor in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. **Denken und Sprechen**. Nördlingen: S. Fischer Verlag, 1974.

WILCOX, Phyllis Perrin. **Metaphor in American Sign Language**. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2000.

XAVIER, Alexandre N.; SILVA, A. R. **A Fonética e a Fonologia das Línguas de Sinais**. In: QUADROS, Ronice Müller de; SILVA, J. B. da; ROYER, M.; SILVA, V. R. da (org.). *A Gramática da Libras*. Rio de Janeiro: INES, 2023. p. 131-173.